



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

BORIS DIMITRI DE SIQUEIRA FILHO

**O ESTRANGEIRISMO NO TEXTO JORNALÍSTICO:
AS COLUNAS SOCIAIS E O HIGH SOCIETY**

Recife
2009

BORIS DIMITRI DE SIQUEIRA FILHO

**O ESTRANGEIRISMO NO TEXTO JORNALÍSTICO:
AS COLUNAS SOCIAIS E O HIGH SOCIETY**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Prof^a. Dr^a. Marígia Aguiar - Orientadora

Recife
2009

S618e

Siqueira Filho, Boris Dimitri de

O estrangeirismo no texto jornalístico : as colunas sociais e o high society / Boris Dimitri de Siqueira Filho ; orientador Marígia Aguiar, 2009.

81 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Centro de Mestrado em Ciências da Linguagem, 2009.

1. Jornalismo - Linguagem. 2. Neologismo. 3. Redação de textos jornalísticos. 4. Lingüística histórica. I. Título

CDU 801

BORIS DIMITRI DE SIQUEIRA FILHO

**O ESTRANGEIRISMO NO TEXTO JORNALÍSTICO:
AS COLUNAS SOCIAIS E A HIGH SOCIETY**

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem, pela Universidade Católica de Pernambuco.

Recife, _____ de _____ de 2009

BANCA EXAMINADORA:

**Profª. Drª. MARÍLIA ANA MOURA
AGUIAR
Universidade Católica de
Pernambuco
Orientadora**

**Prof. Dr. MOAB DUARTE ACIOLI
Universidade Católica de
Pernambuco
Examinador Interno**

**Profª. Drª. NELLY MEDEIROS DE
CARVALHO
Universidade Federal de
Pernambuco
Examinadora Externa**

DEDICATÓRIA

À minha filha, Maria Eduarda.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me orientar nos instantes mais difíceis na elaboração deste trabalho; à minha família, em especial à minha mãe, Dona Clecilda, por ter sido a minha eterna incentivadora e torcedora, e à minha companheira Micheline Telino, por estar ao meu lado e compreender a importância deste processo na minha vida;

À Universidade Católica de Pernambuco, por acreditar no meu projeto de pesquisa e por ter dado o suporte preciso;

Ao Instituto Helena Lubienska e à Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco por terem me liberado para frequentar o Mestrado;

À Dra. Marígia Aguiar, por ter me guiado na construção dessa dissertação, com sua experiência e paciência nas horas mais críticas;

À Dra. Nelly de Carvalho, por ter sido a minha inspiradora nos estudos lexicais e ter sido a luz nos momentos difíceis;

Aos professores do curso de Ciências da Linguagem que, com suas aulas, deram-me idéias necessárias para inserir na dissertação;

A todos meus amigos que contribuíram de maneira direta ou indireta com seus conselhos.

À Fundação Joaquim Nabuco, em especial ao pessoal do setor de microfilmagem, por ter permitido o acesso ao material de pesquisa.

EPÍGRAFE

Uma língua viva está em constante evolução: dialetos, gírias, neologismos, estrangeirismos, tudo faz parte dela, dessa ebulição que a mantém animada.

Celso Pedro Luft

RESUMO

Esta pesquisa descreve o uso de estrangeirismos no texto jornalístico, na coluna social do Diário de Pernambuco (DP), entre 1930 e 1950, no mês de agosto, período relacionado com o antes e o pós II Guerra Mundial, que aconteceu entre 1939 e 1945, para assim poder identificar o seu aparecimento no processo histórico e suas implicações nos fatores socio-político-sociais da época de sua importação. Antes de chegar a este momento da história, foi realizado um levantamento de como se processou o aparecimento de palavras e/ou expressões estrangeiras na história do Brasil e os resultados demonstram que o seu uso esteve presente desde o período colonial e que as três raças, brancos, negros e índios, deixaram na Língua Portuguesa do Brasil suas contribuições. Um estudo de como alguns gramáticos, lingüistas e escritores tratam o assunto foi feito a fim de comparar as suas posições sobre o assunto. Os resultados mostram que os estrangeirismos eram usados não somente como uma forma requintada para se dar uma notícia, mas como um recurso de dar nome às coisas que não existiam no português da época. O resultado desta pesquisa possibilita-nos avaliar que o uso das palavras estrangeiras em um jornal não representa um perigo à língua portuguesa, mas uma maneira de deixar a língua atualizada.

Palavras-chave: Estrangeirismos, neologismos, lingüística histórica.

ABSTRACT

This research describes the use of the foreign words in the journalistic text in the social section of *Diário de Pernambuco* (DP), in the month of August, between the years of 1930 and 1950, period which preceded and followed the II World War, precisely during the years of 1939 and 1945. The aim of the work was to identify the historical process of appearance of the foreign words and its implication on socio-political factors with their borrowing. A study on the historical process showed that their usage was present since the colonial period and that they were initially introduced to the Portuguese language by the White, the Black and the Indian cultures. A study of how some grammarians, linguists and writers see the problem was done to compare their points of view about it. The results showed that foreign words were used not only as a refinement pattern to introduce the news, but as a way to give name to things that did not exist in the Portuguese language in that time. The results of this research showed that the use of foreign words on a newspaper do not represent a risk to the Portuguese Language, but a way to modernize the language.

Keywords: Foreign words, neologism, historic linguistic.

RESUMEN

Esta investigación describe el uso de extranjerismos en el texto periodístico, de la columna social Del Diario de Pernambuco (DP), entre 1930 y 1950, en el mes de Agosto, período relacionado con el antes y después de la II Guerra Mundial, que ocurrió entre 1939 y 1945, para así poder identificar su aparición en el proceso histórico y sus implicaciones en los hechos socio-político-sociales desde la época de su importación. Antes de llegar a este momento de la historia, fue realizado un levantamiento de como se procesó la aparición de palabras y/o expresiones extranjeras en la historia de Brasil y los resultados demuestran que su uso estuvo presente desde el período colonial y que las tres razas: blancos, negros e indios, dejaron aportes en la Lengua Portuguesa de Brasil. Un estudio de como algunos gramáticos, lingüísticos y escritores trataron el asunto fue realizado para comparar sus opiniones sobre el tema. Los resultados muestran que los extranjerismos eran usados no sólo como una forma requintada para darse la noticia, mas como un recurso para nombrar las cosas para las cuales no existían palabras en el portugués de esa época. El resultado de esa investigación nos permite evaluar, que el uso de palabras extranjeras en un periódico no representa un riesgo para la lengua portuguesa, pero, una manera más de actualización de la lengua.

Palabras-llave: Extranjerismos, neologismos, lingüística histórica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura-1	Relação estrangeirismo, empréstimo e xenismo	37
Figura-2	Relação estrangeirismo e empréstimo - I	38
Figura-3	Relação estrangeirismo e neologismo	38
Figura-4	Relação estrangeirismo e xenismo	39
Figura-5	Relação estrangeirismo e empréstimo - II	40
Figura-6	Ano do surgimento dos estrangeirismos	72

GRÁFICOS

Gráfico-1	Surgimento de estrangeirismos	71
Gráfico-2	Ocorrência de estrangeirismos por ano	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1 UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA DO ESTRANGEIRISMO	17
1.1.1 Os índios atacam o português	19
1.1.1.1 A língua indígena na literatura	21
1.1.2 O português no terreiro de candomblé	23
1.1.3 Os invasores do português	25
1.1.3.1 O francês	27
1.1.3.2 O inglês	29
1.2 ESTRANGEIRISMO, NEOLOGISMO E EMPRÉSTIMO LINGÜÍSTICO: UMA FAMÍLIA DIFÍCIL	33
1.3 O ESTRANGEIRISMO E SEUS <i>AFFAIRS</i>	43
1.3.1 O estrangeirismo e os gramáticos	43
1.3.2 O estrangeirismo e os lingüistas	45
1.3.3 O estrangeirismo e os escritores	49
1.3.4 O estrangeirismo e os jornalistas	51
2. MATERIAL E MÉTODO	53
2.1 Descrição do instrumento: o jornal entre 1930 e 1950	54
2.2 A análise	60
3. ANÁLISE	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que os defensores da língua portuguesa entram numa luta para deixá-la sem influências externas. Acredita-se que os estrangeirismos surgiram, de fato, no final do século XIX e início do século XX com o francês e, atualmente, com o inglês, através dos Estados Unidos. Pelo mundo afora, foram criados centros que têm como objetivo a manutenção das suas línguas através da normatização, isto é a sua utilização padronizada. Uma das línguas que mais se destaca com este tipo de manutenção é a língua francesa com sua *Academie Française*. No entanto, vale ressaltar as outras instituições como a *Academia della Crusca*, *Fruchtbringende Gesellschaft*, Academia Real das Ciências, e a *Real Academia Española*, centros que determinam como suas línguas serão usadas, não somente no seu país de origem, mas como serão ensinadas para outras pessoas mundo afora. Encontramos léxicos que são iguais, embora possuam variações na pronúncia e no aspecto semântico.

O português está em constante aumento dos seus vocábulos em consonância com as outras línguas de cultura. No dicionário de Antônio de Morais e Silva, do início do século XIX, e no dicionário da Academia Brasileira de Letras, de 1981, pode-se perceber um crescimento de 40 mil palavras para 400 mil. Muito desse aumento é causado pelas descobertas que acontecem em diversos campos, como na medicina, na física ou na tecnologia.

Para existir este acréscimo considerável na língua, houve a necessidade da busca de uma fonte para alimentar o português e sua origem. O aparecimento veio pelos neologismos vernáculos, numa busca de atualização com o momento e, provavelmente, pelos estrangeirismos, por não existir termos condizentes com a idéia do desejado. A entrada das novas palavras não acarreta nenhum prejuízo e a sua vida dependerá exclusivamente do povo.

Não há propriedade privada no mundo das palavras. Elas são de todos, propriedade pública. Mais exatamente: as palavras são do povo, "vivem na boca do povo", soma de todas as camadas sócio-econômico-culturais (LUFT, 1993: 27).

O visto de permanência será dado aos neologismos e estrangeirismos de acordo com o seu currículo, com o seu valor para a sociedade, que a usa.

() Hoje, frei Matias Tevês falará sobre a parte positiva da Verdadeira Eugenis, abordando temas de moral sexual. As duas seguintes palestras estão assim:

I – Verdadeira Eugenis: parte negativa (temas de profilaxia e higiene),

II – Falsa Eugenis: *birth-control* e esterilização. (DP, Conferencia, 01/08/1933: 5)

Acredita-se que não havia algo para designar *controle da natalidade* e o termo *birth-control* foi o melhor jeito. Não sabemos ao certo se os leitores conseguiram captar a mensagem escrita, caso contrário muitas crianças nasceram e ajudaram com os índices do crescimento demográfico no Brasil.

A língua portuguesa não é a única a sofrer a influencia dos vocábulos estrangeiros. Outras línguas de cultura como o inglês sofreram acréscimos no seu léxico com palavras vindas do francês, como é o caso de *moustache* (bigode) e de *fiancé* (noivo) e, por neologismo fonológico, a palavra *cashew* para chegar próximo do som do nosso fruto caju.

Partindo do conceito alemão *kultur*, que se assemelha ao conceito francês de *civilizacion*, ambos associados a um modelo de mundo letrado, erudito, da cultura ocidental, uma língua de cultura é considerada, basicamente, uma língua que influencia outras línguas e que tem forte prestígio na literatura, no cinema, na música e em outras áreas, ou seja, atinge todas as áreas do conhecimento. É evidente que há as línguas de cultura ágrafas, não deixando de ser de cultura como o tupi-guarani, o banto e o ioruba, por exemplo, mas não conseguem influenciar outras línguas mundo afora como fazem o inglês ou o francês. Mesmo considerando ser o português uma língua de cultura, ele precisa se destacar e assim o faz:

Foi o advento da escrita, da literatação e da literatura (escrita), que representou o advento das línguas de cultura – isto é, de línguas que passaram a poder “acumular” no seu local e tempo de uso todos os locais reais e imaginários e todos os tempos passados (e mesmo futuros) de uso – graças a reserva gráfica, isso que é dito também civilização escrita (HOUAISS, 1992, pp. 119-120).

É bom lembrarmos que Portugal já teve uma grande importância no cenário mundial, especialmente durante as grandes navegações, feitas em busca de especiarias e outros produtos de valor para a época.

Somos uma língua de forte literação, de cultura moderna, com marcante literatura. Vale lembrar que, dentre tantos escritores importantes para a nossa literatura, temos, além de Fernando Pessoa e Machado de Assis, José Saramago, que foi ganhador do prêmio Nobel. Com repercussão mundial, forte contingente populacional, o Brasil, por si só, já apresenta um grande número de usuários da língua, sem falar que estamos presentes em todos os continentes, e possuímos uma língua considerada de ponta, já que está em sintonia com as ocorrências do mundo, ou seja, com o processo de globalização.

A nossa língua portuguesa luta incessantemente na tentativa de ser única no mundo inteiro. O mais novo acordo ortográfico assinado pelos integrantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) tem como objetivo a unificação, exclusivamente, da forma como as palavras são escritas; não entra nos outros aspectos como fonológico ou com as estruturas gramaticais da língua como um todo. O acordo prima pelo fim de duas ortografias, até então existentes. Com a unificação ortográfica, ficam mais viáveis obras escritas e compreendidas por brasileiros, portugueses ou angolanos, com uma grafia em comum. A questão da pronúncia ficará restrita a cada comunidade falante do português. A palavra menino, dita oralmente em Portugal, não é a mesma pronunciada no Brasil, mas em compensação tem a mesma escrita. Com o novo acordo, o português do Brasil terá poucas transformações em relação aos outros. Em Portugal, há ainda uma certa resistência, principalmente pelas editoras, que temem com a entrada das empresas brasileiras em seus mercados e acabem por prejudicá-los. Esse pacto pela unificação deixa a língua portuguesa mais forte e uniforme como acontece com o espanhol, o francês e o inglês, por exemplo.

Neste trabalho, partiu-se da hipótese de que as palavras e/ou expressões estrangeiras introduzidas na coluna social seriam mais empregadas em função da inexistência de um léxico para determinar uma certa coisa ou fato, ou um meio de dar um requinte às notícias.

O nosso tema é o estudo dos estrangeirismos nos textos jornalísticos da coluna social do Diário de Pernambuco, no período antes e pós II Guerra Mundial, entre os anos de 1930 e 1950, para se ter uma problematização de como se processou a entrada das palavras estrangeiras.

Tendo em mente esta preocupação fortemente destacada com relação à unificação da língua portuguesa e buscando mostrar como o estrangeirismo apareceu e como foi feita a sua utilização nos jornais brasileiros e, ainda, se os estrangeirismos utilizados nos textos jornalísticos estão relacionados a fatores sócio-político-culturais da época de sua importação, foi feito um estudo no mês de agosto, entre os anos de 1930 e 1950. O objetivo foi descrever o uso de estrangeirismos na coluna social do Diário de Pernambuco, dirigida à sociedade pernambucana, como demonstração do uso das palavras e/ou expressões estrangeiras na formação lexical do português antes e pós II Guerra Mundial.

Com isso, esta dissertação constitui um breve passeio pela história do Brasil de forma a possibilitar a comprovação de que a entrada dos estrangeirismos aconteceu desde a chegada dos portugueses, em seus primeiros contatos com os índios, dos quais receberam os nomes das plantas e animais que por aqui existiam. Durante a escravidão dos negros vindos da África, houve uma nova entrada de itens lexicais mais voltados às comidas que eram feitas por eles. Com a chegada da corte portuguesa, e depois com a virada do século, foi a vez da entrada das outras culturas como a italiana, a japonesa e a alemã, tendo destaque a francesa, que chega, de fato, para influenciar a nossa cultura com a vinda da realeza portuguesa, e a inglesa, com seu avanço tecnológico.

A princípio, o neologismo vernáculo, o estrangeirismo e o empréstimo lingüístico são semelhantes, mas conseguimos comprovar que há uma diferença entre eles. Para isso, fizemos uso dos conceitos teóricos existentes. Buscamos uma análise sobre o estrangeirismo, sob o ponto de vista de alguns gramáticos, lingüistas, escritores e jornalistas, a fim de termos uma definição do que seja esse fenômeno para cada um deles e de como eles abordam a relação das palavras estrangeiras com a língua portuguesa.

Como dissertação, o trabalho está estruturado em quatro partes: uma introdução, em que se justifica a escolha do tema e se oferece uma contextualização do problema, três capítulos (Fundamentação teórica, Metodologia e Análise dos dados) e uma parte final onde são feitas algumas considerações relativas ao tema

A contribuição do trabalho está em desenvolvimento de um estudo dos textos das colunas sociais entre os anos de 1930 e 1950, usando teorias lingüísticas para demonstrar os motivos do aparecimento do estrangeirismo e de como eles se situavam em relação à língua portuguesa.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA DO ESTRANGEIRISMO

Quando escrevemos qualquer coisa em um simples pedaço de papel, desejamos que o nosso receptor tenha a possibilidade de compreender a mensagem de maneira direta. Para isto, escolhemos para o texto palavras acessíveis ao leitor. A partir do instante em que temos esta preocupação, percebemos que nem todos estão aptos a entender a mesma mensagem em diferentes lugares sociais, apesar de falarmos e escrevermos a mesma língua.

No momento em que uma pessoa escreve e prefere fazer uso de uma palavra mais refinada para chamar a atenção do seu leitor e, claro, para dar mais requinte ao que fora escrito, corre o risco de não ser entendidos, pois nem todos estão situados igualmente no mesmo patamar do saber. Poder-se-ia até pensar em questões sociais, considerando que pessoas de alto poder aquisitivo possuem um padrão lingüístico melhor do que aquelas pessoas de classes menos favorecidas, mas ninguém garante que uma pessoa detentora de condições mínimas de vida não possa ter um bom ou excelente conhecimento da sua língua. Para Bakhtin (2006, p. 72), ambos os interlocutores devem pertencer

[...] à mesma comunidade lingüística, a uma sociedade claramente organizada. E mais, é indispensável que estes dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata... sobre um terreno bem-definido.

Caso contrário, o entendimento do receptor, que pode estar ligado não somente ao aspecto lexical mas também ao gramatical, estará comprometido.

Um leitor não inserido nessa unicidade destacada, pelo estudioso russo, ao se deparar com textos em sua própria língua pode não estar apto a identificar o sentido da mensagem se por acaso existirem elementos como o léxico que não implique um conhecimento prévio partilhado.

[...] a função das palavras que aparecem em um texto cumprem também, e de forma muito significativa, a função de indicar, de sinalizar as ligações que

se quer estabelecer, para que o texto tenha a devida continuidade e unidade e, assim, possa funcionar com atividade verbal. Daí por que a escolha das palavras é de extrema importância para a qualidade do texto (ANTUNES, 2005, p. 137).

A presença de um estrangeirismo em um texto jornalístico pode impedir o leitor de ter acesso a uma informação por não conhecê-lo mesmo que esteja presente no seu dia-a-dia. Algumas pessoas por terem visto a palavra *hardware* sabem que está relacionada com a informática, mas não sabem o seu real significado, enquanto outras possuem a compreensão por estarem inseridas na área da informática, terão uma noção precisa do sentido a ela atribuído. Pessoas que trabalhem ou estejam relacionadas com esta área sabem que *hardware* são unidades físicas ou componentes que estão presentes num computador ou seus periféricos.

(1) A operação de desobstrução das pistas dos aeroportos custou R\$ 100 mil ao *pool* de empresas aéreas.

(2) Mariana e Guilherme Silva no estilo *up-to-date: jeans e T-Shirts*.

(3) Ano Novo até 50% *OFF* de 9 a 16 de janeiro.

Nos exemplos acima, o leitor identificará o sistema lingüístico, a língua portuguesa, mas as palavras *pool* (grupo de empresas), *up-to-date* (atualizado, na moda), *T-Shirts* (camisetas) e *off* (desconto), não fazem parte do seu contexto, podendo até identificá-las como pertencentes à língua inglesa. Textos dessa natureza, muito comuns em jornais, não são, embora devessem ser, destinados a todos. *Overnight, commodity, goodwill, trading company* e *hardware, mouse, software, byte*, os primeiros encontrados nos cadernos de economia e os outros no de informática, são bons exemplos de uma linguagem repleta de estruturas lexicais incompreensíveis, a qual veicula uma relação de poder, visto uma notícia uma notícia somente terá serventia para uma porção da sociedade. O leitor daquele enunciado requer um perfil que advém de indivíduos que pertencem a uma determinada condição, de forma a viabilizar o entendimento da mensagem, o que também se pode chamar de orientação social do enunciado, que é a dependência do enunciado à carga hierárquica e social do auditório.

Escrever requer cuidado com a seleção das palavras a serem usadas e seu valor. O ideal é que as palavras sejam colocadas de forma clara, desde a sua disposição no interior da frase até a construção por inteiro do enunciado, porque nem todos integrantes de um grupo social estão completamente sintonizados com todas as variedades lingüísticas e com os conteúdos referenciais (GNERRE, 1991).

Embora os estrangeirismos tenham sido alvo de críticas e discussões, particularmente nos últimos anos, a verdade é que a língua portuguesa tem sido enriquecida com palavras de várias línguas, desde que por aqui ela se aventurou na época do descobrimento. Normalmente, as línguas recebem o estrangeirismo em seu próprio país, mas como o português veio ao Brasil para ficar, tornou-se vulnerável às contaminações lexicais.

1.1.1 Os índios atacam o português

A língua portuguesa teve na nova terra um enriquecimento vocabular significativo, o que não vinha mais acontecendo em Portugal, que tentava manter a sua língua como forte e dominante pelo mundo afora. Como consequência, a língua portuguesa no Brasil irá ter uma história própria com a inclusão no seu léxico de palavras “estranhas”, explicado pela formação do povo da língua portuguesa que atravessou um enorme oceano para aqui se estabelecer. Os portugueses não sabiam bem ao certo como entrar em contato com o povo indígena que habitava o Brasil e tentavam, à sua maneira, manter uma boa relação com os nativos.

No início do período colonial, entre 1500 e 1530, o Brasil viveu em um certo esquecimento, visto que Portugal preferia gastar seus esforços e investimentos com o comércio oriental, fornecedor de especiarias e produtos de luxo. Por volta de 1530, a terra brasileira começa a ser ocupada por alguns aventureiros portugueses que contavam com a mão-de-obra dos índios, os quais tinham, na época, duas opções: ajudar o homem branco ou ser escravizados. Abundantes no litoral, os aborígenes eram usados para fazer a exploração da terra, com atenção maior ao pau-brasil,

recolhido e entregue aos colonizadores, que pagavam com objetos exóticos. Não havia ainda uma preocupação em manter colonos permanentes. Os portugueses que aqui chegavam entravam em contato com as índias, gerando filhos dessa relação, e dando origem ao mameluco, que viria, mais tarde, a dominar as duas línguas. Neste momento, as duas línguas usadas eram o português, a língua do colonizador, e o tupi, a língua dos índios, que sofriam o processo de dominação, resultando no bilingüismo. Neste contato entre as línguas, algumas palavras indígenas acabaram por deixar marcas na estrutura lexical da língua portuguesa, tanto com a criação de novas palavras como por utilizar palavras estranhas ao léxico.

Os portugueses, como colonizadores, eram em menor número e tinham dificuldades para estabelecer um contato verbal e socializar-se com o povo que aqui habitava, o que os levou a utilizar uma das línguas existentes, o Tupi, que fazia parte de um dos grupos mais importantes do litoral brasileiro. Assim, submeteram-se à língua dos índios que ficou sendo, de certo modo, uma língua geral para a comunicação, reservando-se o português, língua oficial, para as camadas mais cultas.

A existência do bilingüismo preocupou muito Portugal. A alternativa foi a proibição, em 1727, do uso da língua indígena para preservar o português e firmá-lo como língua de dominação. Os jesuítas até que tentaram proteger os índios e ensinar os tratados gramaticais com objetivos de catequese, o que não adiantou muita coisa. Os mestiços que aqui nasciam tinham mais facilidade de aprender a língua geral do que o português.

Com isso, a língua portuguesa adotou palavras de origem indígena, estranhas para aquele momento da sua história. Percebe-se, assim, que os estrangeirismos começaram bem antes do que se pode imaginar com a língua dos primeiros habitantes, passando, depois, para a língua portuguesa. Algumas palavras indígenas como topônimos, nomes próprios de lugares, antropônimos, nomes próprios de pessoas, e nomes de frutas indígenas permaneceram. Entre os topônimos, *Aracaju*, *Atibaia*, *Bauru*, *Borborema*, *Pará*, *Tamandaré*, *Maracanã*, etc. São alguns exemplos de antropônimos *Moema*, *Araci*, *Sucupira*, *Jucá*, *Jurema*,

Iracema, Juraci, etc e os neologismos *caju, tapuru, tapioca, pitu, mucurana, gravatá, craúna*, e etc.

1.1.1.1 A língua indígena na literatura

No período do Romantismo brasileiro, surgem as palavras indígenas na literatura. Vale lembrar que este estilo de época vem de encontro ao Arcadismo. O Romantismo surge, naquele momento, com a valorização do individualismo, oposição ao arcadismo e a colocação da emoção nos seus textos, fugindo da razão. Além disso, houve uma retomada das raízes, neste caso, com os índios, as lendas e o folclore.

Os escritores passam a escrever obras sobre o passado brasileiro com uma exacerbação do sentimento de nacionalidade, acompanhado do desejo de independência. O Romantismo chegava mais facilmente às pessoas, visto que o conteúdo causava grande interesse, sem mencionar que era um dos únicos entretenimentos. As pessoas ansiavam ler textos que estivessem relacionadas às suas vidas ou com assuntos que as cercavam.

Na poesia romântica, Gonçalves Magalhães e Gonçalves Dias destacaram-se como nacionalistas e indianistas, e, para representar a figura nacional, colocaram o índio como herói. O primeiro foi responsável pela introdução do Romantismo e possuía uma poesia voltada tanto para os assuntos religiosos, percebível em *Suspiros poéticos e saudades*, como para os assuntos relacionados com o índio, notado em *A confederação dos tamoios*. Gonçalves Dias é considerado o maior poeta indianista. Usou o índio de uma forma mais próxima do real, por conhecer seus hábitos. Nos trabalhos de Gonçalves Dias (1969), percebe-se que o índio estava mais perto do sentimento do homem europeu. *I – Juca Pirama*, um dos seus mais destacados poemas, relata o drama de um índio tupi que é feito prisioneiro dos timbiras. Para não ser sacrificado, pois o seu pai está doente e precisa de sua ajuda,

o índio pede pela sua vida e promete retornar assim que seu pai morrer, para se tornar, então, um escravo dos timbiras:

Dos vis *Aimoréis*;
 Vi lutas de bravos,
 Vi fortes – escravos!;
 De estranhos ignavos
 Calçados aos pés.
 E os campos talados,
 E os arcos quebrados,
 E os *piagas* coitados
 Já sem *maracás*;

Na prosa, vários autores se destacaram, porém o mais importante foi José de Alencar, presente nas várias modalidades do Romantismo. Na prosa indianista, encontram-se três dos seus romances, abordando o tema: *O guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*. Em *Iracema*, várias palavras foram introduzidas no léxico utilizado por José de Alencar (1992):

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da *graúna* e mais longos que seu talhe de palmeira.
 O favo da *jati* não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.
 Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do *Ipu?*" onde campeava sua guerreira tribo da grande nação *tabajara*, o pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
 Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da *oiticica*, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.
 Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce *mangaba* que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do *guará* as flechas de seu arco, e concerta com o *sabiá* da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.
 A graciosa *ará*, sua companheira e amiga, brinca junto dela. As vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o *uru* te palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do *crautá*, as agulhas da *juçara* com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Embora o índio tenha estado presente na literatura brasileira desde antes do Romantismo, foi neste movimento literário de busca do nacionalismo que surgiu não somente a figura do primeiro habitante do Brasil como herói e a colocação das suas tradições, mas também o uso de palavras estranhas ao português, que eram os vocábulos indígenas.

Os índios não se adaptaram ao trabalho escravo por fatores como a não aceitação de uma lavoura sedentária e a categorização social, bastante distinta da

sua. Mesmo assim, tiveram uma real importância no que diz respeito ao desbravamento das florestas brasileiras, assunto no qual eram especialistas, e nos nomes de cidades, rios, entre outros, muitos dos quais permaneceram até hoje (Capibaribe, Igarassu, Beberibe, Itamaracá, etc.).

1.1.2 O português no terreiro de candomblé

Dada a dificuldade de mão de obra para o trabalho no campo, os colonizadores optaram por trazer negros da costa da África. Os escravos eram trazidos em navios denominados de tumbeiros e eram separados em função da língua e da cultura de cada grupo, de forma a evitar contato entre eles.

A exata chegada dos negros ao Brasil, ninguém sabe ao certo. Acredita-se que tenha sido em 1532, com os primeiros exploradores. Mas, a verdade é que, na metade do século, eles eram mais numerosos do que os colonizadores.

O processo de substituição do índio pelo negro durará até o final da era colonial. As cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro foram os centros acolhedores dos africanos bantos, iorubas e malês, que falavam o árabe. Os negros que aqui chegaram, eram capturados de diversas tribos “que falavam dialetos e línguas não inteligíveis uns aos outros” (RIBEIRO, 1998, p. 114). Entretanto, era possível encontrar alguns negros com conhecimento da língua portuguesa, provenientes de colônias portuguesas da África, chamados de ladinos. Os que não conseguiam falar o português eram chamados de boçais.

O escravo negro que por aqui chegou era falante do “ioruba” ou “nagô”, língua da Nigéria, predominante na região da Bahia, ou do quimbundo, língua de Angola, encontrada nas outras áreas do Brasil. Caberá ao iorubá influenciar, com seu vocábulo, as solenidades relativas ao candomblé (*Oxum, Orixá, Iemanjá*) ou a cozinha (*acarajé, vatapá*). O “quimbundo”, além de possuir um vocabulário fértil, estava mais disseminado por ser normalmente empregado junto com a língua

portuguesa, e o seu léxico estar mais direcionado ao cultivo da cana-de-açúcar, ao modo de vida dos escravos e às suas maneiras de dançar, a exemplo de *moleque*, *cafuné*, *senzala*, *maxixe*, *samba* (TEYSSIER, 1997, p. 110).

Aqui, o negro passou a desempenhar diversas funções que iam desde o trabalho na terra até o trabalho doméstico na casa grande. Uma das formas que os escravos encontram para fazer frente à dominação foi o culto religioso, a macumba, onde encontravam um jeito de cultuar seus santos com danças e músicas, opostas ao do seu dominador branco, resistindo à evangelização, ao contrário do índio. O relacionamento do senhor de engenho com o negro era muito mais direto e melhor do que com o índio. Desta vez, será o índio que influenciará a nossa língua com o seu léxico, de uma forma mais ativa, porém menor do que a do negro.

O negro terá a capacidade não só de fornecer novas palavras, mas também de alterar e modificar fonemas e mudar morfologias, que se perpetuará no português brasileiro, basicamente, através das negras que passarão o seu jeito de falar para os filhos do homem branco. Algumas destas palavras estranhas vindas da África já aparecem no português de Portugal, antes mesmo de chegar ao Brasil, como é o caso da palavra *inhame*, que é de origem ioruba, e está presente na *Carta de Caminha* (MELO, 1946, p. 59). Algumas palavras de origem africana são, por exemplo, *angu*, *batuque*, *berimbau*, *cachimbo*, *maribondo*, *moleque*, *quitanda*, *quitute*, *samba*, *senzala*, *vatapá*, etc.

É interessante destacar que os descendentes dos escravos nascidos no Brasil utilizavam para a comunicação as variantes existentes do português popular ou o uso de um pidgin de origem africana, que, com o passar do tempo, desaparecerá, a não ser para a comunicação secreta (NARO; SCHERRE, 2007), a exemplo dos *quilombos*, constituídos basicamente por negros fugitivos.

Dentre os quilombos existentes, o de Palmares, localizado ao sul da capitania de Pernambuco, foi o mais famoso. No quilombo, havia também os brancos, alguns refugiados da justiça, mulatos livres e índios. Na convivência destas culturas houve uma junção de características culturais (SILVA NETO, 1976). O homem branco contribuiu com o culto aos santos da Igreja Católica referenciados, ao lado das

imagens cultuadas pelos africanos, além de formação de casas do tipo das vilas existentes em Portugal. O índio colabora com o cultivo de vegetais e com a proteção feita por paliçadas ou caiçaras. Por fim, o negro contribui com os meios de armazenar a água em cacimbas, e a organização política e social do local.

Segundo Silva Neto, a língua de comunicação entre os habitantes era um dialeto africano bantu, em conseqüência do grande número de pessoas de Angola. Daí, a sociedade de Palmares era conhecida igualmente como *Angola janga*, ou seja, Angola pequena. Como o quilombo representava uma ameaça para a organização do sistema colonial, por volta de 1695, se dá a destruição de Palmares, conduzida pelo bandeirante Domingo Jorge Velho, com o apoio do capitão-mor Bernardo Vieira de Melo.

Tanto os índios quanto os negros tiveram que se adaptar ao português, falando-o da maneira como entendiam, sem preocupar-se com a sua pronúncia. Desta forma, a língua portuguesa passou a ser um meio de comunicação indispensável para o entendimento entre as três culturas aqui existentes: o índio, o negro e o branco.

1.1.3 Os invasores do português

Quando pensamos em estrangeirismos basicamente nos detemos mais com as palavras que vêm do inglês, via Estados Unidos, porém é bom lembrar que em tempos passados em meados do século XIX, O Brasil tinha como inspiração a França, por ser o foco cultural do mundo ocidental.

Quando a corte do Príncipe D. João aportou no Brasil, em 1808, trouxe, além da transferência do império português e de sua cultura, uma outra que servia como modelo para a época: a cultura francesa.

Os franceses costumavam andar por estas terras desde o tempo das invasões coloniais, quando tentaram apropriar-se do Maranhão e fundaram a cidade de São Luís, com a intenção de criar a França Equatorial. Sua permanência se deu no período de 1612 a 1615. Entretanto, a influência da cultura francesa só ocorrerá, de fato, com a chegada da Missão Artística Francesa, por volta de 1816, período que a ciência estava em evidência e a indústria era percebida como um elemento necessário para o desenvolvimento de uma nação.

Com a presença da realeza portuguesa, houve uma mudança de hábitos que afetou os residentes do Brasil da época, desde os brancos que queriam imitar a corte até os negros que queriam copiar os seus senhores. A vinda da família imperial transformou a colônia além de em um novo império, de suma importância política para aquele momento da história, em um novo porto para o comércio com as demais nações, particularmente com a Inglaterra, que além de fazer a escolta dos barcos portugueses, trouxe também ingleses com a finalidade de estabelecer negócios. Estes dois povos fizeram aumentar a população no nosso território. Os traços da língua francesa por serem tão fortes deixaram marcada a sua presença através de palavras como *affaire* (caso amoroso), *art nouveau* (estilo de arte que tem como característica a assimetria de linhas sinuosas e uso das formas orgânicas), *ballet* (balé), *bal masqué* (baile de máscaras) e outras modificadas para o vocabulário: chefe, jardim, paisagem, hotel, vitral, entre outros.

Era interesse de D. João tornar a nova terra um lugar moderno em sintonia com os acontecimentos do velho mundo, e a Missão, composta na sua base por bonapartistas ou simpatizantes, temerosos do novo sistema político que seria implantado na França, preferiu se ausentar do seu país de origem e vir para o Brasil, uma terra desconhecida. No Brasil, encontra uma terra que passa por um período de reestruturação, devido à presença da corte portuguesa.

Um novo centro do saber é proposto, criando-se a Escola de Belas Artes. Joachin Lebreton, além de mentor da escola, era líder do grupo, composto ainda pelos escultores Auguste Marie Taunay e François Bonrepos; pelos arquitetos Charles de Lavasseur e Louis Ueier; pelos pintores Jean Baptiste Debret e Nicolas-Antoine Taunay, entre outros profissionais. A Missão Francesa teve uma atuação

muito mais marcante do que a Missão Holandesa, por exemplo, que aconteceu durante o governo de Maurício de Nassau, em Pernambuco, visto que tinha um propósito mais documental, não deixando escolas ou seguidores, apesar da presença de nomes relevantes nas artes como Franz Post e Albert Eckhout.

Os artistas franceses vinham com o pensamento no Arcadismo e encontraram no Brasil uma resistência entre os que habitavam por aqui, executando suas obras ainda no estilo Barroco. O Arcadismo está ligado diretamente aos ideais do Iluminismo, que teve sua origem na França. Destacam-se, dentre estes, alguns brasileiros que, no final do século XVIII, já difundiam os ideais árcades, como Manuel Dias de Oliveira, pintura e música, Antônio Landi e Mestre Valentim, ambos na arquitetura, todos pertencentes à Escola Mineira.

A língua francesa era tida como o idioma do momento, por ser a França o país que comandava o mundo das artes e dos bons costumes, ou seja, era a língua que influenciava as outras línguas, pelos empréstimos. Assim, a língua da França chegou ao Brasil graças ao impulso cultural dado. Sua existência pode ser constatada pela presença de estrangeiros trabalhando em escolas de arte e de museus:

A partir do século XVIII, intensificando-se no século XIX e atingindo as primeiras décadas do século XX, o mundo tinha a França como modelo de civilização, língua e literatura. Essa forte penetração deixou vestígios no vocabulário da moda, da vida social, da literatura, das artes em geral (CARVALHO, 1989, p. 53).

1.1.3.1 O francês

Em 1808, acontece a fundação da imprensa e o lançamento do primeiro jornal e de alguns livros. Com a imprensa no Brasil, ficou mais fácil se ter uma referência, uma idéia, de como seria a língua portuguesa. Houve, ainda, a criação da primeira biblioteca pública e de cursos superiores, com ênfase na formação de quadros militares.

Nos fins do século XIX, a elite brasileira ditava as normas e, naquele momento, ter o conhecimento do francês era visto com bons olhos, pois “não espanta que residissem no Brasil, ao tempo, os mais numerosos assinantes da *Revue des Deux Mondes* fora da França...” (SODRÉ, 1989, p. 52).

A França basicamente influenciava as pessoas pela literatura, moda, artes e, inclusive, na forma de pensar. Não podemos esquecer a Revolução Francesa, que aconteceu em 1789, espalhando as famosas idéias de *Égalité, Fraternité et Liberté*, causando levantes nas colônias.

Com o retorno da coroa para Portugal, não nos agrada mais sermos manipulados por um governo distante dos seus súditos. A saída será a proclamação da independência e implantar uma monarquia tipicamente brasileira, voltada para o seu povo.

Independente em 1822, o Brasil vai, naturalmente, valorizar tudo o que distingue da antiga metrópole, particularmente as suas raízes índias. Deixar-se-á influenciar pela cultura da França e acolherá também imigrantes europeus de nacionalidade diversa da portuguesa (TEYSSIER, 1997, pp. 96-97).

Uma coisa não pode ser extirpada, a própria língua portuguesa, juntamente com as marcas francesas, que permaneceram e irão perdurar pelos outros anos que virão. O Brasil será uma panela com temperos de diversas línguas. Teremos uma convivência harmoniosa em nossas terras com habitantes franceses, italianos, espanhóis, árabes e ingleses, só para citar alguns.

A Proclamação da República, no Brasil, traz uma perda da vontade de ser puramente brasileiro, ou seja, não interessa mais, em especial à classe dominante, a burguesia, ter olhos para o seu passado, ficar vendo e tentando ser uma coisa que nunca foi: um índio. A sociedade da chamada *belle époque* irá querer ser e sentir o velho mundo, a Europa. Tudo que chega de lá é considerado bom e serve de modelo para os brasileiros. Mais uma vez, a língua de Paris soará como chique e de muito bom tom. A França entra, mais uma vez, nas nossas vidas. Chegando ao ponto do prefeito da cidade do Rio de Janeiro importar pássaros e estátuas para enfeitar as praças e os jardins para dar um clima parisiense a cidade:

O advento da República proclama sonoramente a vitória do cosmopolitismo no Rio de Janeiro. O importante, na área central da cidade, era estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do Velho Mundo. E os navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas os figurinos, o mobiliário e as roupas, mas também as notícias sobre as peças e livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer, as estéticas e até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio. (SEVCENKO, 1989, p. 36)

Apesar de se tratar da sociedade carioca, que era a capital federal do governo brasileiro, este sentimento de valorização da cultura francesa se espalhou pelas demais cidades do país. Essa atuação poderosa da cultura francesa persistiu por volta do fim da II Guerra Mundial, que perdeu intensidade com a entrada da língua inglesa, sustentada pelos Estados Unidos, que difundiram a sua cultura através da chamada indústria do entretenimento.

1.1.3.2 O inglês

Os ingleses que permaneceram no Brasil viam o mercado brasileiro como uma economia promissora e estabeleceram-se e criaram suas empresas. O capital inglês servia para custear a criação de meios de transporte e comunicação e para ajudar a classe ruralista, dando atenção especial aos cafeicultores. Vivíamos economicamente dependentes da Inglaterra e, mais tarde, dos Estados Unidos, pois vendíamos para eles grande parte das nossas matérias-primas e comprávamos o produto pronto, industrializado.

Os ingleses perderam espaço para os norte-americanos durante a I Guerra Mundial (1914 – 1918). A tensão com a qual os países europeus conviveram levou-os a abandonar a sua concentração nas outras nações e se voltarem para o conflito no seu próprio território. Os países sofreram com as conseqüências da guerra e, para reconstruir, vão precisar da ajuda. Aparece o grande amigo, os Estados Unidos, que apesar de terem participado da guerra, não tiveram sua economia e suas terras tão atingidas, por estarem distantes dos acontecimentos. Os acordos firmados entre

os Estados Unidos e os países europeus eram de pagamentos dos produtos em ouro ou em compromisso de compras de mercadorias americanas. 35% da dívida externa brasileira pertencia aos Estados Unidos. Alves (2004) afirma que foi, nesse momento, que as indústrias estrangeiras entraram no Brasil, dentre elas a *American Foreign Power (Electric Bond & Share)* e a *Light & Power*, que detinham o controle total da energia elétrica nacional. Além da eletricidade, houve o controle das ferrovias, portos e autorização para exploração de minérios.

Um dos fatos que dará um enorme impulso à propagação do inglês norte-americano no Brasil e no mundo, será, sem dúvida, a II Guerra Mundial. A entrada do inglês nas outras nações não será somente do ponto de vista lingüístico, mas também cultural, pela música e pelo cinema, como também militar, já que os americanos passaram a serem vistos como a maior potência mundial.

A II Guerra Mundial começou em 1939 e o Brasil não tomou partido de nenhum dos lados da guerra, que tinham dois blocos, um denominado de bloco do Eixo, formado inicialmente pela Alemanha e Itália, e, mais tarde, com o Japão, e outro chamado de bloco dos Aliados, composto por Inglaterra, França e depois com os Estados Unidos da América e União Soviética.

Existia uma pressão para que o Brasil assumisse um dos lados e, em 1942, tendo como pretexto o afundamento dos navios brasileiros nas nossas costas pelos alemães, Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, declara guerra ao grupo do Eixo. Mas não foi somente isto que nos levou a participar da guerra. Os Estados Unidos emprestaram ao Brasil vinte milhões de dólares para a sonhada construção de uma indústria siderúrgica. Em troca desse favor, os americanos receberiam permissão de implantar aqui bases militares (VICENTINO; DORIGO, 1997).

Um dos pontos escolhidos foi o Nordeste, pela aproximação com o continente africano, e o outro foi a Amazônia, que chamou a atenção pela existência de minérios essenciais à guerra como borracha, quartzo, manganês e outros.

É interessante citar alguns acontecimentos que eclodiram antes e após a entrada do Brasil na guerra. Em abril de 1941 dá-se a construção da Companhia

Siderúrgica Nacional, no Rio de Janeiro. Em maio do mesmo ano, os americanos entram na guerra. No mês de janeiro de 1942, o Brasil corta suas relações com o grupo do eixo, declarando guerra, não tendo mais imparcialidade, e, neste mesmo ano, surge a Companhia Vale do Rio Doce, com finalidade de extrair minérios em Minas Gerais, e a Fábrica Nacional de Motores, no Rio de Janeiro. A abertura dessas indústrias deu um grande estímulo ao país para a modernidade, apesar de estarmos num sistema ditatorial.

Entre 1944 e 1945, o Brasil participa do confronto armado com vinte e cinco mil homens, que formam a Força Expedicionária Brasileira (FEB), tendo como destino a Itália, chefiados pelo general Mascarenhas de Moraes, participação não bem aceita inicialmente por ingleses e americanos. Com o final da II Guerra Mundial, em 1945, países como França, Inglaterra, do grupo dos Aliados, e Alemanha, Japão e Itália, do grupo do Eixo, estavam arruinados e iriam precisar de recursos para dar começo à restauração dos seus territórios e, mais uma vez, os Estados Unidos se fazem presentes (CAMPOS; MIRANDA, 2005).

Os Estados Unidos, antes de ingressar no conflito, precisavam criar uma maneira que evitasse qualquer penetração de ideais nazistas na América do Sul, dado a existência de simpatizantes. Partiram para a política da boa vizinhança, criada em 1940, cujo objetivo era a divulgação do *American way of life*, ou, melhor dizendo, do estilo de vida dos norte-americanos, mostrando sua economia, cultura e política, como modelo ideal de vida. Uma das pessoas que estavam à frente deste caráter diplomático era Nelson Rockefeller (ALVES, 2004).

Era comum vermos no Brasil artistas americanos e outras personalidades vindas de Hollywood, para participar da política da boa vizinhança, que envolvia além do Brasil, a Argentina e o México.

Em 1939, explode nas terras americanas Carmem Miranda, chamada de a *pequena notável*, pela sua estatura, que com suas indumentárias exóticas, que lembravam as roupas vestidas pelas baianas, com um turbante cheio de frutas tropicais e sapatos com grandes saltos, acendia o orgulho de ser brasileiro. Ver uma das nossas fazendo sucesso, sendo uma das artistas mais bem pagas e mostrando

o que nós temos, era muito gratificante, apesar de ela ser portuguesa de nacionalidade, embora o que valesse fosse a sua representação brasileira.

Nessa mesma política, nasce nos estúdios da Disney, em 1942, um personagem tipicamente brasileiro baseado em um papagaio, o Zé Carioca, ave que tem como característica ser gentil e amável. A ave brasileira se encanta com a visita do amigo americano, o Pato Donald, e o leva a conhecer não só as belezas das terras brasileiras, como a música e a culinária, tendo ao fundo as imagens turísticas do Brasil. Isso acontece no filme intitulado *Alô Amigos* (ALVES, 2004).

No plano educacional, houve o convite de estudantes para os Estados Unidos, tanto para estudar como para conhecer de perto o mundo americano. Ao retornarem ao país, difundiam as suas experiências e de como era espetacular viver naquelas terras. Houve o envio de especialistas de diversas áreas, que tinham a finalidade de dar auxílio e propagar a qualidade destes profissionais. Escolas de cursos da língua inglesa começaram a surgir, diminuindo aos poucos o interesse pelo francês, que não era mais a língua do momento.

Haverá influência americana na nossa política, a partir do instante em que os militares, maravilhados com a estrutura e o poderio do sistema militar dos Estados Unidos, entram num processo de insatisfação com o governo de Vargas, ocasionando, no final de 1944 e início de 1945, o surgimento das candidaturas de Eduardo Gomes, major-brigadeiro, e Eurico Gaspar Dutra, general.

Não foi somente o Brasil, que foi bombardeado com a propaganda dos Estados Unidos, mas toda a América Latina. Era desejo daquele povo que os países deste bloco seguissem seus mandamentos e tivessem políticas que favorecessem os seus interesses e é com Franklin Roosevelt eleito em 1932, para a presidência dos Estados Unidos, que se inicia o processo da conhecida “política da boa vizinhança”, que tinha alguns propósitos como a igualdade jurídica de todos países da América seria reconhecida; nações seriam consultadas caso um país apresentasse um perigo para as demais; e ajudar todas nações para que tivessem um bem-estar. Essas atitudes eram importantes para que os Estados Unidos tivessem com o passar do tempo um mercado comprador dos seus produtos e

também fornecedor de matérias-primas, para assim existir uma recuperação da economia norte-americana (MOURA, 1990).

1.2 ESTRANGEIRISMO, NEOLOGISMO E EMPRÉSTIMO LINGÜÍSTICO: UMA FAMÍLIA DIFÍCIL

Para definir estrangeirismo é necessário, antes, entender o que seja neologismo e empréstimo lingüístico, conceitos que certamente ajudarão na compreensão daquele.

É fato que o mundo não corre mais a passos lentos, como acontecia em séculos passados, e que se vive, hoje, numa era de rápidas transformações e invenções. O ser humano cria ou se depara com o novo a todo momento, havendo, com isso, a necessidade de criação de lexias, desencadeando um processo de neologia. Os termos daí resultantes receberão o nome de neologismo. Câmara Júnior (1998) conceitua neologismo como “inovações lingüísticas que se firmam numa língua dada”.

Esta nova palavra, surgida de uma necessidade, permanecerá na língua de acordo com seus usuários. Algumas atravessarão anos e permanecerão vivas, enquanto outras só permanecerão por um curto período, muitas vezes sem mesmo constar em um dicionário, por logo caírem em desuso. Para alguns estudiosos, essas palavras constituem, na realidade, um vício de linguagem.

O termo vício de linguagem aparece na maioria das gramáticas. No livro *Emília no País da Gramática*, de Monteiro Lobato (1998), no capítulo intitulado *Os Vícios de Linguagem*, Narizinho pergunta à Dona Sintaxe se estes *monstros* (barbarismo, solecismo, anfibologia, obscuridade, cacófaton, eco, hiato, colisão, arcaísmo, neologismo e provincianismo) andam soltos pela cidade e ela responde que eles ficam enjaulados *como feras perigosas*. Durante a visita, Emília se depara com o neologismo, o qual considera grande amigo, e protesta contra a sua prisão.

Para Dona Sintaxe, a função do neologismo é *fazer as pessoas usarem expressões novas demais, e que pouca gente conhece*. Emília, então, parte para a defesa do amigo, alegando que *se numa língua não houver neologismo, essa língua não aumenta*. A boneca de pano vai até a cela e solta o Neologismo dizendo: *Vá passear entre os vivos e forme quantas palavras novas quiser*.

Há vários tipos de neologismos: 1) os fonológicos, 2) os sintáticos, 3) os semânticos e 4) os que são formados por empréstimo.

1) O neologismo fonológico, como o nome já diz, é de caráter puramente sonoro e é inédito na língua. Neste grupo, encontra-se a criação onomatopaica que tem a característica de imitar um determinado som, tendo como base a unidade léxica formada e alguns ruídos ou gritos como em *tique-taque* ou *miau* (ALVES, 1990).

2) O neologismo sintático acontece tanto como resultado da combinação de palavras como através do modo frástico. Assim, o neologismo, para acontecer, precisa seguir o padrão morfológico da língua em que se insere para ser entendido como parte do léxico. As palavras *surfe* (do inglês *surf*) e *chefe* (do francês *chef*) precisaram do acréscimo da letra *e*, como sufixo, visto que esta língua não admite que uma nova palavra termine por algumas consoantes, no caso a consoante *f*, as quais sofrem um processo conhecido como epítese ou protélico, que acontece quando uma palavra tem no seu início ou final uma consoante e precisa do acréscimo de algum outro fonema, normalmente uma vogal (CARVALHO, 1989).

A forma mais comum na criação de uma nova lexia é a partir de uma palavra já presente na língua, por processos de derivação prefixal ou sufixal.

A derivação prefixal ocorre quando um prefixo se une a uma palavra central formando um conceito secundário, como é o caso de alguns prefixos gregos ou latinos: *an-*, *a-*, *anti-*, *sem-* e *não-* (negativa ou contrária) *dis-* (dificuldade), *des-* (separação), *pos* (posteridade), *pre* (anterioridade), *re-* (repetição ou movimento para trás), entre outros (ALVES, 1990).

A derivação sufixal ocorre pela utilização de elementos que aparecem no final de uma palavra para formação de um novo componente. Há três tipos de sufixos: nominal, forma substantivos ou adjetivos; verbal, forma verbos; e adverbial, para formar advérbios. Alguns sufixos nominais podem ser aumentativos (-ão, -aço, -alhão, etc.), diminutivos (-inha(o), -ebrre, -ita(o) etc.), designador de profissão (-ário, -or, -eiro, -nte, etc.), indicador de naturalidade (-ano, -eiro, -ense, etc.). Os verbais são formados basicamente com a terminação *ar* para a construção dos verbos, como aconteceu com a maioria dos verbos que passaram do latim para o português:

A 1ª conjugação era, sem dúvida, a mais rica... Além disso, como ocorre no português, onde os verbos de formação tardia e recente vão para a 1ª conjugação (enlaçar, de laço; apartear, de aparte...), era ela também em latim a chamada conjugação produtiva, já que acolhia as novas formações, fossem decorrentes de substantivos, fossem de adjetivos e participios, fossem, enfim de palavras tomadas de empréstimo a outras línguas (CARDOSO; CUNHA, 1978, p. 116).

É o caso, por exemplo das construções verbais que recebem o sufixo da primeira conjugação para facilitar o seu uso, como no esporte *surf* (do inglês *surf*), na informática *deletar* (do inglês *delete*), na culinária *flambar* (do francês *flamber*), na aviação *checar* (do inglês *check*).

Os sufixos adverbiais em português são feitos pelo acréscimo de *-mente* à base feminina do adjetivo. A derivação parassintética acontece quando há a colocação ao mesmo tempo de um prefixo e de um sufixo numa palavra como ocorre em *entristecer*. Para Basílio (1998), a derivação regressiva baseia-se na eliminação de componentes finais existentes na palavra, como em *asco* de *asqueroso*, ou pelo processo deverbal, presente nos verbos como *canta* (de *cantar*).

O processo de composição de palavras pode feita por justaposição ou por aglutinação. A justaposição é feita com a união de dois radicais sem existir modificação fonética, como ocorre em *planalto* (plano + alto) e *malmequer* (mal + me + quer). Na aglutinação, acontece uma modificação fonética, como em *aguardente* (água + ardente) e *vinagre* (vinho + acre).

O hibridismo é formado pela mistura de palavras de línguas diferentes como *televisão* (*tele*: grego + *visão*; latim) e *burocracia* (*buro*: francês + *cracia*: grego).

As siglas são elementos formados por letras de uma determinada instituição ou uma forma especial de abreviação como ocorre em *ONU* (Organização das Nações Unidas), *CLT* (Consolidação das Leis Trabalhistas) e *AIDS* (*Acquired Immunological Deficiency Syndrome*). Algumas vezes é possível criar novas palavras com as siglas: *aidético* (pessoa que contraiu a síndrome de deficiência imunológica adquirida); celetista (pessoa que trabalha com vínculo empregatício regido pela CLT) (SANDMANN, 1997).

A formação de uma palavra a partir do nada é chamada de *ex nihilo*, como proposto por Carvalho (1984), que, em suas pesquisas, encontrou *tcham* e *escambau*, palavras de origem incerta e giriática.

3) O neologismo semântico acontece quando uma mesma palavra recebe um outro significado que não é o seu original. A expressão *uma moça colocou um grampo no seu chapéu para fixá-lo melhor*, dá a idéia de que grampo é um alfinete, mas em *houve um grampo no telefone do político*, a palavra grampo terá a conotação de escuta. Já a derivação imprópria surge na troca de classe gramatical de um léxico, mantendo a sua estrutura, já que não há a colocação de afixos: “O *jantar* estava muito bom”; “O que você deseja *jantar* hoje?”. No primeiro exemplo, observamos que a palavra jantar toma um sentido de substantivo; no segundo, de verbo (BIDERMAN, 2001).

4) As palavras vindas de uma outra língua, mencionado pelos lingüistas como empréstimo lingüístico, sofrem acréscimos necessários ao seu entendimento, notado em vários casos:

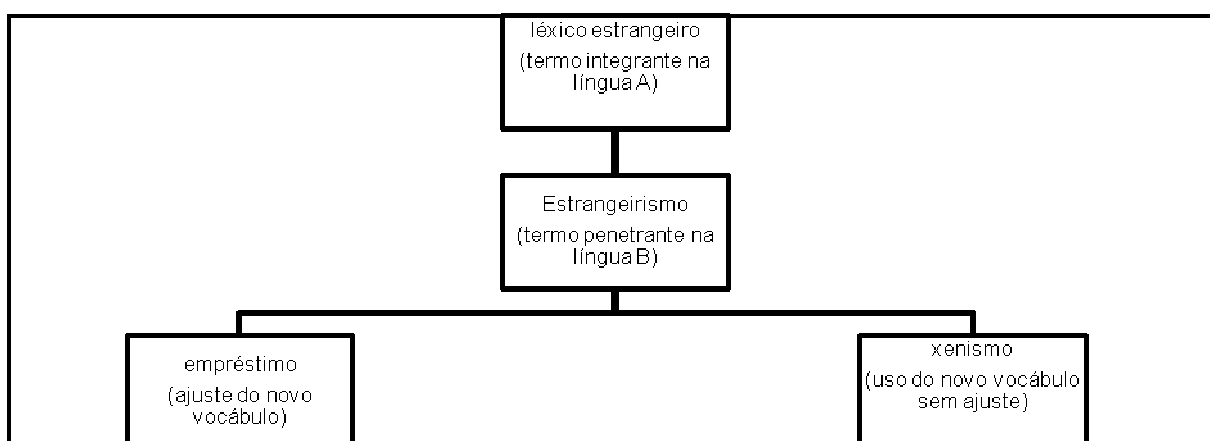
Origem	Empréstimo	Aportuguesamento
Inglês	<i>check</i>	checar
Alemão	<i>werra</i>	guerra
Hebraico	<i>hallelu Yah</i>	aleluia
Árabe	<i>az-zayt</i>	azeite
Francês	<i>toilette</i>	toailete
Russo	<i>Sputnik</i>	esputinique

Chinês	<i>ch'a</i>	chá
Japonês	<i>kimono</i>	quimono
Italiano	<i>maccherone</i>	macarrão

O empréstimo lingüístico é o uso de uma palavra de uma língua em outra, recebendo o nome de estrangeirismo ou peregrinismo (CARVALHO, 1984). O uso de um estrangeirismo, normalmente, vem acompanhado de um descobrimento novo, como ocorre com certos objetos. A língua receptora acolherá ou fará uma adaptação para um entendimento melhor dos seus usuários. Não é algo freqüente ouvir ou se deparar com a expressão que um cantor fará uma apresentação e, sim, que fará um *show*. Em um restaurante, solicita-se um refrigerante de baixa caloria ou dietético, usando-se os anglicismos *light* ou *diet*.

Uma palavra em uma determinada língua, portanto, é simplesmente um léxico, mas, ao entrar em outro sistema, passa a ser um estrangeirismo, podendo resultar em um empréstimo ou xenismo. Este fenômeno pode ser visualizado no esquema abaixo:

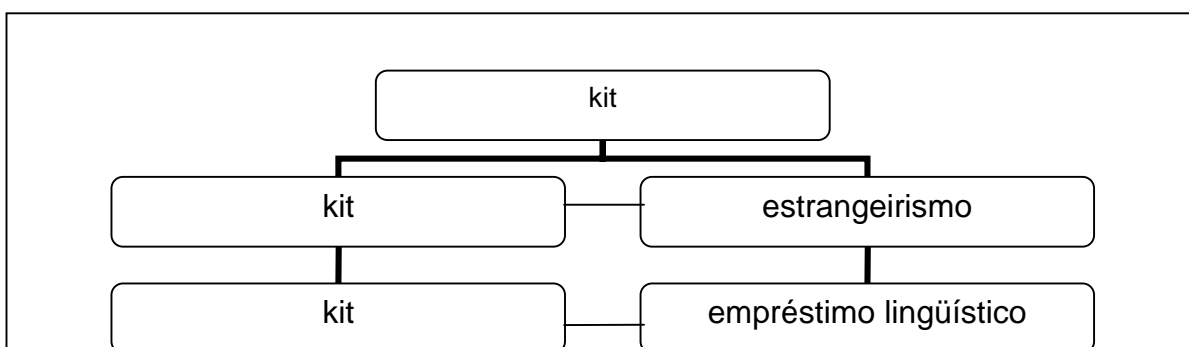
Figura-1 Relação estrangeirismo, empréstimo e xenismo



Este intercâmbio de palavras pode gerar empréstimo cultural, formado pela relação social, política, comercial, dialetal, pelo relacionamento dos usuários duma mesma língua, pelo uso de falares regionais ou gíria, e o empréstimo íntimo, quando há o uso de duas línguas num mesmo espaço (CARVALHO, 1989). A palavra é percebida como estranha e só deixará de ser a partir do momento que entrar na língua receptora.

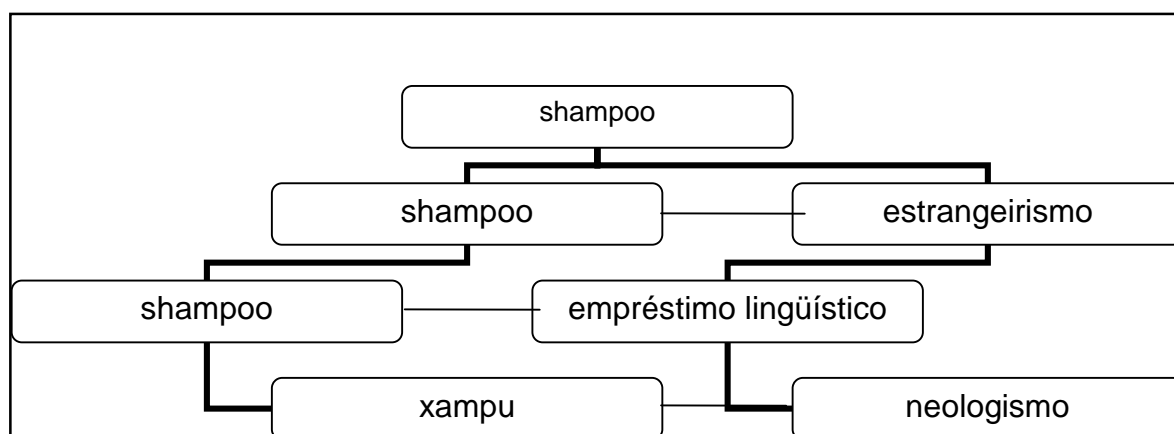
A palavra *kit*, de origem inglesa, tem uma estrutura ortográfica diferente da do português e surge na língua para designar um conjunto de objetos ou informações. Podemos encontrar este termo não somente entre os falantes, mas também nos dicionários, fazendo parte da língua:

Figura-2 Relação estrangeirismo e empréstimo - I



Há palavras estrangeiras que sofrem modificações na sua estrutura para se adaptar ao sistema morfológico, semântico ou gráfico da nova língua (BIDERMAN, 2001). Isso é o que ocorre com a palavra *shampoo*, que com o decorrer do tempo recebeu, além de uma adaptação fonológica, uma adaptação gráfica, passando a *xampu*, apesar dos fabricantes deste produto possuírem uma resistência em colocar a grafia portuguesa nas embalagens.

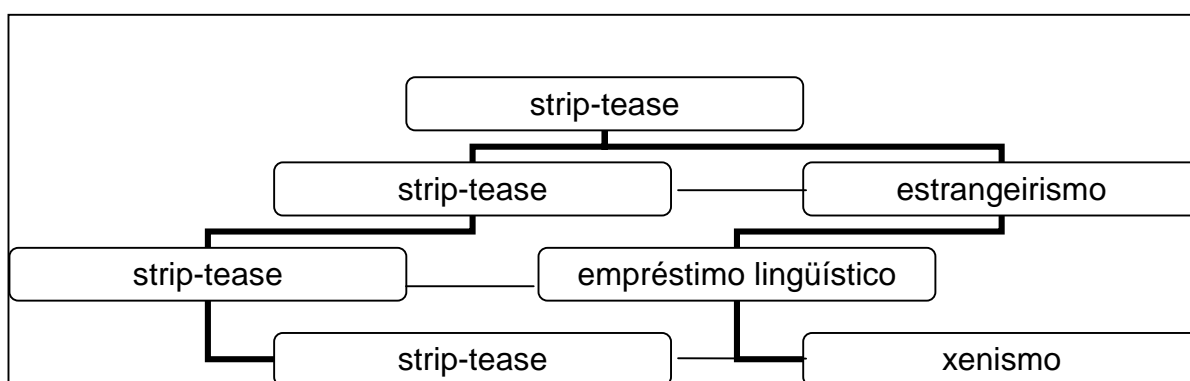
Figura-3 Relação estrangeirismo e neologismo



Caso a palavra ou expressão estrangeira não sofra nenhuma alteração na sua origem, estaremos diante de um processo conhecido como xenismo (CARVALHO, 1984).

O termo *strip-tease* não recebeu nenhuma alteração na sua forma, e a sua idéia é a de uma pessoa que tira partes da roupa de maneira sensual, podendo ser acompanhada por uma música, para aumentar o clímax. É possível encontrarmos mais xenismos, principalmente no que se refere à área de informática, quando não há tempo hábil para encontrar palavras semelhantes, e a necessidade faz com que usemos o que está mais próximo:

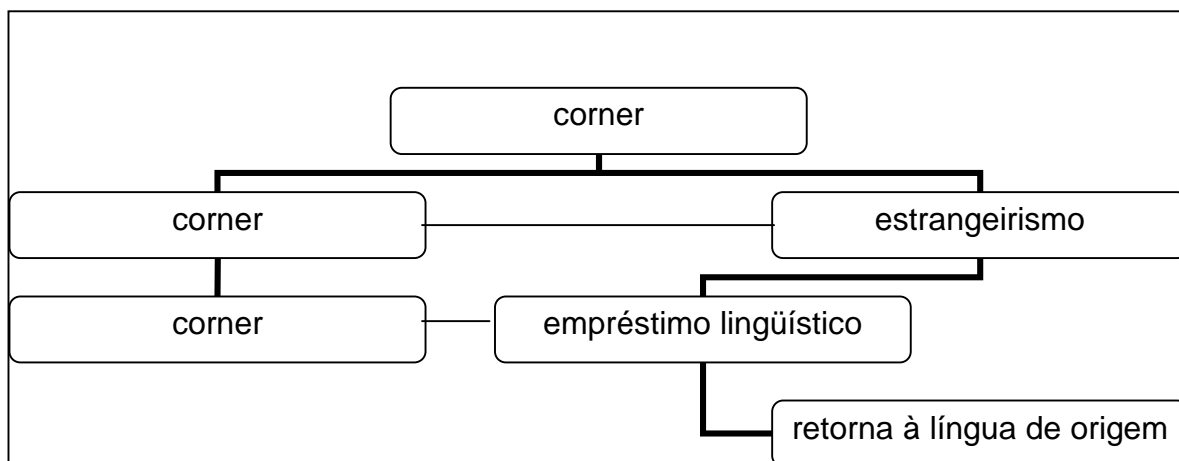
Figura-4 Relação estrangeirismo e xenismo



Os nomes próprios também são considerados um xenismo, por não ocorrer adaptação. É interessante notar que os nomes de empresas e de pessoas possuem estilos que diferem do padrão da língua portuguesa pelo uso das letras *w*, *y* e *k*, excluídos em 1943, pelo acordo ortográfico entre Brasil e Portugal, e que retornaram ao nosso alfabeto em 2008. Nomes como *Wellington*, *Kennedy*, *Kelly* e *Sidney* passeiam por entre nós há tempos sem dificuldades para uma boa convivência. Não podemos deixar de mencionar as empresas. Quem nunca desejou ter uma caneta da *Parker* ou comprar um relógio da *Swatch*. Produtos como *Kapo*, que as crianças adoram beber, pode ser no sabor chocolate ou de frutas, e elas bebem e pronunciam sem obstáculos.

Algumas palavras estrangeiras não permanecem na língua e passam por um período curto no idioma receptor. Podemos observar este fenômeno com a palavra *corner*, muito utilizada antigamente nas crônicas esportivas do futebol e que foi substituída por escanteio

Figura-5 Relação estrangeirismo e empréstimo - II



O famoso escritor português Fernando Pessoa (1999), no seu livro *A língua portuguesa*, classifica o estrangeirismo em três grupos:

- 1) As palavras estrangeiras que podem entrar na língua, apesar de possuir correlato.
club grêmio; *baby* neném.
- 2) As estrangeiras que podem tomar a forma do português, como se fossem da própria língua, por não termos palavras para nomear certas coisas;
surf surfar; *football* futebol.
- 3) As estrangeiras que não são capazes de tomar corpo para entrar num idioma, mantendo a forma de origem;
feedback; *gestalt*.

Carvalho (1989, p. 43) apresenta os casos de empréstimo classificados por David Crystal:

- 1) *Loan words*: importação da forma e do significado com ajuste ao sistema fonológico: piquenique;
- 2) *Loan blends*: há importação do significado, mas somente uma parte: surfista;
- 3) *Loan shifts*: importação do significado, mas a estrutura é a de origem: futebol;
- 4) *Loan translations*: tradução realizada de maneira literal: *check in* (registrar-se num hotel ou apresentar-se para embarcar num avião ou navio).

Com respeito à adoção, os empréstimos podem ser por:

- 1) Decalque: *check-up* (exames minuciosos);
- 2) Adaptação fonética, morfológica e sintática: futebol, xampu;
- 3) Incorporação na forma original com adaptação fonética: *shampoo, mouse*;

No que se relaciona à derivação podem ocorrer de forma:

- a) Direta: deriva da forma original da língua: *corbeille - corbelha*
- b) Indireta: há uma língua matriz como meio no sistema de adoção:

stylistik (alemão) *stylistique* (francês) estilística (português)
pa-jama (persa) *pae-jama* (hindu) *pyjama* (inglês) *pyjama* (francês)
pijama (português).

O empréstimo para Weinrich (apud CARVALHO, 1989, p. 50) tem a possibilidade de classificar a adoção como:

- Simples, uso de uma simples palavra: surfe;

- Composto: utilização de mais de uma palavra: *hardware* (mecanismos que formam um computador e seus periféricos);
- Incompleto, uso de um termo estrangeiro, apesar da existência de um equivalente na língua: *diet* (dietético).

Com relação à semântica, alguns estrangeirismos sofrem adaptações ou traduções errôneas, sem relação alguma com o seu sentido original. *Outdoor* é entendido como cartazes de propaganda que são colocados em vias públicas para divulgar marcas ou produtos, entretanto, este anglicismo não possui a mesma idéia ou significado. A palavra inglesa para este tipo de divulgação é *billboard*.

Os empréstimos podem ser de caráter denotativo ou conotativo. O denotativo entra através de uma língua dominante em relação à outra, podendo introduzir, além de um termo, um outro aspecto cultural. É o caso dos esportes *football* (futebol) e *volleyball* (voleibol), que não apenas introduziram nomes, mas regras e formas das pessoas praticarem. O conotativo é usado como um meio estilístico e não tem tanta dimensão quanto o denotativo, pois o seu uso será individual ou de um grupo seletivo. É visível, por exemplo, na linguagem da informática, palavras e siglas do tipo *mouse*, *software* (programa ou conjunto de programas de computador), *notebook* (microcomputador portátil), *CPU* (Central Processing Unit = Unidade Central de Processamento), e *pen drive* (pequeno objeto que armazena dados).

Os empréstimos podem ser classificados de acordo com a classe gramatical. O mais comum é encontrarmos os empréstimos com função substantival, mas nada impede de aparecerem com função de adjetivos ou de verbos. Uma palavra tomada de empréstimo tende a permanecer com as suas funções gramaticais inalteradas, mas isso dependerá exclusivamente dos novos usuários. Com relação ao gênero, o mais comum no português é a colocação do léxico estrangeiro no masculino, fácil de perceber no uso do artigo mais estrangeirismo, tendo o *show*, o *grill room* ou os *laptops*.

1.3 O ESTRANGEIRISMO E SEUS *AFFAIRS*

Partiremos para um estudo de como é visto o estrangeirismo pelos gramáticos, lingüistas, escritores e jornalistas. Para esta abordagem, buscamos fontes, onde houvesse o tema estrangeirismo abordado de maneira direta ou indireta, podendo ser não somente em livros, mas também em revistas e jornais. Foram selecionados alguns gramáticos, lingüistas e escritores da nossa língua, com maior destaque na literatura.

2.3.1 O estrangeirismo e os gramáticos

Fazendo um estudo a respeito de como as gramáticas analisam a situação do estrangeirismo dentro do português, observamos que as considerações feitas aos estrangeirismos, na maioria das vezes são simples, não existindo uma imersão no tema, e raros os que abordam de forma mais aprofundada.

Gramáticos como Mesquita (1995) Cipro Neto (1998) e Infante (2001) e Cereja e Magalhães (1999) classificam o estrangeirismo como um elemento formador de palavras novas no idioma, como uma forma de ampliar o vocabulário que surge através de contratos sociais dos diferentes povos, podendo ser aportuguesados ou permanecer com a grafia original.

Outros como Cegalla (1978), Savioli (1992), Maia (1994), Sacconi (1994), Terra (1996) e Cadore (1998) alegam que o estrangeirismo é um vício de linguagem, classificando-as de barbarismo. Para Maia, por exemplo,

Vício de Linguagem

São erros cometidos no momento da fala ou da escrita, por ignorância ou descuido.

Barbarismo

É o emprego de estrangeirismos ou erros de natureza fonética, morfológica, semântica ou ortográfica. (MAIA, 1994. pp. 312-313)

Pela leitura, somos levados a crer que o estrangeirismo, além de ser uma “coisa maléfica” à língua, é errado e seu uso constitui uma confrontação às normas lingüísticas existentes, no âmbito da fonologia, morfologia ou sintática. Câmara Júnior (1998, p. 65) apresenta o barbarismo como “um Vício de linguagem que consiste em erros em relação às palavras: 1) na pronúncia; 2) na grafia; 3) na forma gramatical; 4) na significação”.

Com relação à pronúncia, uma palavra estrangeira, que não faça parte do grupo lexical de uma outra língua, é normalmente adaptada pelo processo fonológico, como ocorreu com futebol (*football*), drinque (*drink*), musse (*mousse*) bidé ou bidê (*bidet*). A adaptação fonética poderá, ou não, estar correta, mas a idéia semântica sim.

A raiz gráfica da palavra estrangeira é modificada de acordo com as normas ortográficas vigentes do outro idioma. Assim, o *voley* trocou a letra *y* pelo *i* para termos volei, assemelhando até na parte fônica, já que não temos o hábito de grafar nomes de objetos com *y*.

A informática trouxe, além de uma tecnologia altamente sofisticada, nomes de equipamentos que eram desconhecidos, a exemplo de *mouse*. Esta palavra, em inglês, forma o seu plural de maneira especial, não recebendo *s* como normalmente acontece na maioria dos casos, e o seu plural é *mice*, estando nós diante de uma forma gramatical da palavra estrangeira.

Um erro de significação pode ocorrer em função de uma palavra estrangeira semelhante, como a palavra inglesa *pretend*, que alguns pensam significar “pretender”, dada a semelhança de uma forma, embora o significado seja fingir. Casos como este justificam a afirmação de que um estrangeirismo não pode, de fato, ser classificado como um barbarismo, muito embora o que fazemos com ele seja uma barbárie, considerando que não foi a forma que pediu para entrar no nosso dia-a-dia e sim nós que a puxamos.

Bechara não coloca o estrangeirismo como um barbarismo mas como um vício de linguagem, que pode melhorar a língua quando se faz preciso e serve para substituir um vernáculo, quando este entra no processo de decadência. Porém, faz um alerta aos puristas que querem, a todo custo, trocar os estrangeirismos por uma palavra portuguesa: “Esse movimento de substituir um estrangeirismo por um termo vernáculo, como um tabuleiro de xadrez, é perigoso. Em vez de melhorar a língua você pode empobrecê-la” (BECHARA, 2006, pp. 598-599)

Cardoso e Cunha (1978) mostram que a penetração das palavras estrangeiras, por eles denominadas empréstimo, se deu há muito tempo, quando o latim se expandiu e interagiu com outras línguas, as quais mantiveram um contato com o latim durante a expansão romana. Para a formação do português, várias línguas deixaram suas contribuições lexicais cuja classificação, segundo esses autores, se faz através de períodos: Pré-românica, camada do substrato formado por elementos ibéricos, célticos, gregos e fenícios; Pós-românica, camada do superstrato com elementos germânicos, árabes, provençais, espanhóis, latinos, orientais e das línguas modernas (francês, italiano, inglês e alemão).

Um vocábulo estrangeiro não traz nenhum desrespeito às normas e sim um acréscimo salutar à construção de uma língua moderna. O vocábulo que foi tomado emprestado será praticado de acordo com as regras do novo idioma.

1.3.2 O estrangeirismo e os lingüistas

Faraco, no seu livro *Português: língua e cultura*, no capítulo *A complexidade das línguas*, trata o estrangeirismo como um fenômeno comum que ajuda no crescimento vocabular, ao contrário de algumas pessoas que acreditam na possibilidade do fim da língua portuguesa, a exemplo do movimento da segunda metade do século XIX, quando a influência francesa teve destaque no cenário mundial, deixando palavras como abajur, manicure, valise e restaurante, e, ao final do século XX, com a invasão da língua inglesa pela tecnologia (*desktops, site, e-*

mail) e atividades financeiras (*leasing, holding, marketing*). O uso do estrangeirismo é tido como necessário, quando não se têm palavras para denominar certos objetos.

É claro que existem sempre algumas importações vocabulares desnecessárias, em que o termo estrangeiro é usado apenas como um sinal de prestígio social, o mesmo mecanismo publicitário que dá nome aos cigarros ou aos hotéis no Brasil. Por isso, uma atitude crítica nessa área não faz mal a ninguém. Não custa evitar palavras estrangeiras desnecessárias. Mas também não precisamos ficar paranóicos, certo? (FARACO, 2003, p. 141)

Faraco (op. cit.) destaca quatro possibilidades de uso dos estrangeirismos na escrita: exclusão em textos formais, a não ser na ausência do mesmo; destacar a palavra entre aspas, em itálico e, sendo desconhecida do grande público, colocar a tradução entre parênteses; palavras estrangeiras que foram integradas ao português não necessitam de destaques gráficos; textos técnicos, onde se faz o uso indispensável dos estrangeirismos por não existir equivalentes, aceitos sem destaques gráficos, para não causar desgaste no leitor.

Ribeiro (1979), lingüista sergipano, afirma que a língua portuguesa utilizada no Brasil é muito mais rica do que a de Portugal, pela influência sofrida tanto dos índios quanto dos negros africanos, e que continua pelas importações das palavras estrangeiras que chegaram ao Brasil. Desse modo, ele aponta que “A língua nacional, escrevi, é essencialmente a língua portuguesa, mais enriquecida, independente e livre em seus movimentos” (RIBEIRO, *op. cit.*, p.44).

A língua, por estar em processo de constantes mudanças, e de acordo com suas necessidades, cria neologismos ou aceita os estrangeirismos. Em seu artigo *O primeiro galicismo*, Ribeiro descreve o *primeiro galicismo que se naturalizou nesta nossa terra da galofobia gramatical*. Nele, há uma breve discussão sobre a grafia da palavra Brasil, em como deveria ser escrita, se com s ou z. Para ele, o nome Brasil é francês na estrutura, e, quando aportou por aqui, não havia vestígio documental desta palavra em língua portuguesa. Como o objetivo era designar um tipo de tintura de madeira, que possuía uma cor vermelha, ele sugere o nome Ibirapitanga, nome tupi para o pau-brasil para assim *excluir a suspeita de tendências francelhas e galiciparlas*. E conclui que o nome Brasil teria de ser escrito coma letra s, já que além de ser francês, foram os franceses que utilizaram e batizaram a nossa árvore.

Ilari (2006) relata que a influência dos estrangeirismos se dá desde os tempos que antecedem o trovadorismo, influenciado pela poesia provençal, até o contato com outras nações. Ele ainda afirma que o português recebeu acréscimo no seu léxico pelas línguas francesa, italiana e árabe e que hoje é o inglês o detentor de maior penetração “Essa influência se fez sentir pela incorporação de palavras e construções que representaram, em geral, um enriquecimento. (ILARI, *op. cit.*, p.73)

Os estrangeirismos tendem a se adaptar à pronúncia e à grafia, formando novas palavras. Aponta para o preconceito que escritores, gramáticos e políticos têm com estas palavras estranhas e tentam, inutilmente, combatê-las, levando-as ao conceito de vício de linguagem, barbarismo. Embora Brasil e Portugal estejam ligados pela mesma língua, cada um possui diferentes empréstimos para designar um mesmo elemento:

<u>Português do Brasil</u>	<u>Português de Portugal</u>
<i>programa (de computador)</i>	<i>logical</i>
<i>computador</i>	<i>ordenador</i>
<i>Aids</i>	<i>sida</i>

Segundo o lingüista português Morais-Barbosa (1969), o estrangeirismo surge através das cantigas de amigo, de tradição peninsular, e das cantigas de amor, de origem além-pirenaica. Ambas tinham temas de procedência provençal e, juntamente com o galicismo, entraram no português. Algumas palavras francesas que foram introduzidas no português tiveram suas origens de outros idiomas de fonte germânica: *frota* (escandinava), *guindaste* (nórdico), *dique* e *amarrar* (holandês), *norte*, *sul*, *leste* e *oeste* (anglo-saxão). Encontram-se palavras de origem italiana como *piloto*, *sentinela* e *esquadrão* e outros italianismos que tiveram base provençal (*mençonha* e *besonha*). Desde a Idade Média, a língua portuguesa importa palavras estranhas às suas, não acontecendo somente pelos avanços tecnológicos recentes, mas pelo contato entre as diferentes culturas e pela literatura que percorria o continente europeu.

A aceitação excessiva de termos estrangeiros pode ou não fazer com que uma língua perca, com o tempo, a sua identidade. Com esta preocupação, a lingüista Éda Heloisa Pilla, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, acredita ser o uso do estrangeirismo algo pertencente a um modismo. Mostramos que certas línguas tentam ser criativas diante de certas descobertas, como na área tecnológica, e cita a palavra *mouse*, que possui o conceito de ser um dispositivo de tamanho pequeno, usado na mão, sobre uma superfície, para movimentar um cursor na tela, embora, em certos países, tenha havido uma adaptação.

Inglês	Português (Brasil)	Português (Portugal)	Espanhol	Alemão
<i>mouse</i>	<i>mouse</i>	<i>rato</i>	<i>ratón e sitio</i>	<i>maus</i>

O não uso de um elemento próprio da língua ou a falta de uma criação neológica acarretará no empobrecimento do nosso idioma. Pilla (2002) afirma que “Doravante, se toda nova tecnologia ou proposta científica que importamos vier acompanhada de seu vocabulário original, passaremos a correr o risco de, em breve, não mais falarmos português”.

Fiorin (2008) acredita que os estrangeirismos são desnecessários à língua, desde que haja palavras equivalentes às estrangeiras, muito embora não acarrete nenhum perigo à degradação ou liquidação do português, já que uma língua dita viva está em constante mudança e atualização com o seu tempo e que é heterogênea. A questão da compreensão é relativa, já que, nem sempre, todo falante da língua portuguesa se faz entender. Um gaúcho, por exemplo, terá dificuldades de entender um baiano, como um português não terá um entendimento total de um brasileiro.

Os estrangeirismos não corrompem o idioma por não afetar a sintaxe, a morfologia ou a fonética da língua. Eles servem mais em vocabulários específicos como na informática, na aviação ou na economia. A entrada deste léxico alienígena vem suprir uma carência lexical que não encontra equivalente na língua e entra numa analogia de significação, como observa Fiorin:

Assim delivery não é igual a “entrega em domicílio”, pois aquela palavra é a entrega em domicílio daqueles produtos que, tradicionalmente, não eram entregues em casa, como, por exemplo, comida pronta. Brother não é “irmão”, mas amigo; book, em português, não é “livro”, mas é um álbum de fotografias que os modelos entregam nas agências, para que se veja como eles fotografam (Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, n 27, jan. 2008. pp. 50-54).

Para ele, a língua é construída e mantida por seus falantes, que estão a procura de termos que expressem novas idéias e novos conceitos à sua época.

1.3.3 O estrangeirismo e os escritores

Os escritores admitem que o uso do estrangeirismo é algo necessário à língua. Como afirma João Ubaldo Ribeiro:

É inevitável que as línguas se interpenetrem. Mas me irrita a falta de conhecimento dos recursos do nosso idioma. E certos modismos que tendem a se enraizar por aqui (Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, n 09, jul. 2006. pp. 14-15).

É notória a questão da globalização com que convivemos no nosso dia-a-dia e os avanços que o homem realiza com tanta velocidade que, às vezes, não há um determinado tempo preciso para se criar, em uma outra língua, um vocábulo para esta nova descoberta. A solução é aceitar o nome que já foi dado em seu país de origem, sendo a palavra admitida, até se ter um outro termo compatível com o idioma receptor ou ,ainda, utilizar o estrangeirismo.

Não tenho posição xiita. Eles se incorporam à linguagem coloquial e, mais cedo ou mais tarde, aos dicionários. Em tempo de globalização, não podemos achar substitutos para palavras como “tsunami”, “crack” e outras (Carlos Heitor Cony. Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, n 18, abr. 2007. p. 12).

Os escritores mais conservadores, como Ariano Suassuna, que não via com agrado os estrangeirismos, entretanto, sabem que a entrada destas novas palavras é necessária.

Reconheço que radicalizei a vida toda, mas precisava. Veja bem, não tenho preconceito contra palavras estrangeiras no idioma. Mas as palavras devem ser conformadas ao estilo da nossa língua. Quando era menino, as palavras ligadas a futebol eram em inglês. Escrevia-se football. Gol era goal, goleiro era goal keeper e escanteio, corner. É preciso reconhecer que os jornalistas criaram essas palavras que são ditas naturalmente. Às vezes há absurdos. O plural que criaram para “gol” é louco “gols”. Quando os locutores dizem “gous”, não é o mesmo que “gols” (Ariano Suassuna. Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, n 21, jul. 2007. p. 19).

Compartilha desta mesma opinião a escritora Ruth Rocha e, tanto ela quanto Ignácio de Loyola Brandão, abordam a questão da durabilidade do estrangeirismo, que dependerá basicamente do povo, já que somos nós que usamos e determinamos a permanência de qualquer léxico.

Costumo colocar tudo em português. Implico com palavras estrangeiras. Mas sei que é assim que a língua se renova. O off da liquidação das lojas, ou vai ficar pra sempre ou vai sumir ali na esquina (Ruth Rocha. Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, n 32, jun. 2008. p. 13).

É o resultado da tal de globalização. Se são usadas, tudo bem. Algumas se integram, outras desaparecem. Na linguagem científica e na informática é inevitável. “Deletar” está por aí. Mas não vejo razão para “printar” em vez de “imprimir”. (Ignácio de Loyola Brandão. Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, n 36, out. 2008. p. 17).

A solução seria aprender a conviver com estas palavras de maneira sadia, sem querer discriminá-las, ou ter um acesso de xenofobia lexical. Teremos que engolir e observar se teremos algo inédito na língua, neologismo, ou se estaremos diante de um simples empréstimo.

Houve um movimento na literatura chamado “antropofagia”. Ele dizia que os brasileiros tinham de fazer com as coisas do estrangeiro o mesmo que os índios haviam feito com os brancos. Eles os devoravam. Por que não devorar as palavras estrangeiras? Depois de devoradas acontece com elas o que acontece com a comida: é assimilada, tornada semelhante a si... (Rubem Alves. Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, n 20, jun. 2007. p. 14).

Sendo assim, não será proibindo, através de uma lei, que os estrangeirismos deixarão de existir, mas sim, pelo bom senso do uso, o que fará a diferença. Saber distinguir o que é possível ou não no uso de certos termos estrangeiros é conhecer a sua língua.

Não, não incomoda quando passa a fazer parte da linguagem popular. Por exemplo, *brother*, que começou com os negros americanos é um estrangeirismo, mas que originou a palavra mano. A palavra foi digerida e incluída. Agora, ver passar uma ambulância escrita *rescue* em vez de

resgate, é demais. Aí já é um *apartheid*, essa é a palavra certa (José Simão. Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, n 24, out. 2007. p. 17).

2.3.4 O Estrangeirismo e os jornalistas

É interessante observar os manuais de redação, não os que são destinados aos concursos ou vestibulares, mas os que são dirigidos aos que escrevem para os jornais, já que a nossa análise se dará em cima dos textos jornalísticos, orientam quanto aos cuidados que se deve ter com o uso de uma palavra estrangeira, visto que o seu aparecimento num texto escrito pode, além de trazer um esforço para sua compreensão, aparentar ao leitor como um clichê ou de forma pedante.

A utilização de estrangeirismos só é considerada adequada na inexistência, no português, de uma palavra para designar determinado objeto ou ação. Caso contrário, é preferível que se use um termo próprio da língua. Assim, em vez de usar *party*, *chef*, *smile*, usa-se festa, chefe e sorriso, respectivamente. As palavras estrangeiras podem ser usadas sem aspas, quando são de uso comum e compreendida pelo leitor como *reveillon*, *show* ou *rock*. Caso se perceba que a palavra trará alguma dificuldade, mesmo em textos destinados a determinadas áreas de conhecimento, é ideal que se traga uma tradução ou explicação, e, para isso, é necessário trazer a palavra em destaque.

As aspas não serão essenciais quando estivermos diante nomes de pessoas (William, Byron), instituições (Alliance Française), lugares (Ottawa, Washington), marcas de empresas (Volkswagen, Bayer), esportes (tae-kwon-do, squash), e naves (Mirage, Challenger).

Os órgãos e as entidades devem ter seus nomes traduzidos, e caso a tradução não seja suficiente para explicar a finalidade da organização, faz-se necessário utilizar a sigla estrangeira sem aspas, traduzindo o significado e empregando um equivalente em português, e caso se trate de uma forma desconhecida, o ideal é colocar entre parênteses uma maneira aproximada de pronunciá-la.

Há necessidade de se respeitar certas normas do termo estrangeiro, como o uso de inicial maiúscula para adjetivos pátrios, por exemplo, *American car* e não *american car* ou a falta de plural dos adjetivos, devido serem invariáveis, do inglês, por exemplo uma *old lady* , duas *old ladies*.

Marques (2003) afirma que o uso de uma linguagem simples mais próxima do povo, como uma simplicidade no estilo e um vocabulário imediatista, faz com que o leitor compreenda o texto claramente. Jornalistas americanos e espanhóis usam uma lista de vocabulário dito médio para auxiliá-los na produção dos textos, tornando a leitura perceptível ao leitor. É essencial que um jornalista tenha pleno poderes sobre a sua língua, sabendo trabalhá-la, como afirma Noblat (2003, p.78) “O mínimo, pois, que se espera de um jornalista ou de alguém portador de tal título é que saiba lidar com sua principal ferramenta de trabalho: o idioma”.

O jornalista precisa sentir-se um escultor, um artesão no ofício de escrever, e conhecer os instrumentos certos para a elaboração de um bom texto, para, assim, atingir o seu objetivo maior, o leitor.

2. MATERIAL E MÉTODO

Esta pesquisa trata do estudo dos estrangeirismos no texto jornalístico, entendendo que são palavras originárias de uma outra língua, mantendo sua ortografia original, podendo ou não estar inserida no léxico da língua portuguesa, não se tratando, assim, de um estudo de neologismos aportuguesados.

Conquanto a preocupação central seja com o processo de como se deu a introdução do estrangeirismo, não nos cabe uma análise aprofundada do enunciado, mas sim da problemática lexical encontrada. Estudar os motivos pelos quais o texto escrito apresentou uma palavra fora dos vocábulos do português e examinar a maneira usada em relação ao conjunto dos demais léxicos, numa abordagem gramatical, constituem-se o cerne deste trabalho.

O assunto é extenso e interessante, sendo discutido não só nos dias como também em tempos anteriores. Dado a necessidade de observação do processo, partiu-se para o período da II Guerra Mundial, compreendendo os anos de 1930 até 1950, que correspondem àqueles do pré e do pós-guerra, iniciada em 1939 e concluída em 1945, em cadernos de coluna social. A escolha pela coluna social deveu-se ao tipo de público que se espelha nas culturas ditas mais “desenvolvidas” em relação à sua, e buscou-se a língua francesa, em um primeiro momento, e, em seguida, a língua inglesa, esta última com maior ênfase após o término da grande guerra. Assim, nada melhor do que tentar utilizar algumas palavras de um povo tido como vencedor e, portanto, em situação mais privilegiada.

Para a coleta de dados, foi definido o jornal local o Diário de Pernambuco, em edições de sua coluna social, sendo definido um mês para a pesquisa sistemática, durante os anos mencionados acima.

O mês escolhido foi o de agosto, por estar após o mês das férias, julho, quando as pessoas viajavam e traziam as novidades para os que aqui ficavam, através de produtos ou de uma nova linguagem, e por possuir como fator diferencial entre as outras colunas, o caráter de subjetividade, não havendo uma grande

preocupação em apenas transmitir uma opinião crítica, como acontece em cadernos políticos e econômicos, mas trazer comentários elogiosos ao país em destaque, paraíso para importação não só de objetos como de neologismos e estrangeirismos.

A característica do texto jornalístico social é o equilíbrio entre a comunicação eficiente e a aceitação social, o que torna este tipo de coluna bem aceita e de fácil entendimento. Assuntos políticos ou, até mesmo, sociais, por exemplo, apresentaram características distintas daqueles das colunas sociais em que a notícia é colocada de maneira clara e sucinta.

Optou-se pelo Diário de Pernambuco por ter uma sistematicidade de publicação durante o período escolhido. Para encontrar esse material, buscou-se a Fundação Joaquim Nabuco cujo acervo em microfilmagem permitiu a coleta dos dados.

2.1 Descrição do instrumento: o jornal entre 1930 e 1950

A coluna social encontrada no Diário de Pernambuco no início da década de 30 tem como característica não ser crítica aos fatos que acontecem na sociedade, não colocando uma opinião positiva ou negativa. É observável a inexistência de alguém que assine a coluna, parecendo que qualquer um poderia fazê-lo, bastando, para isso, ter em mãos uma notícia que se direcionasse à sociedade, ou seja, uma informação pessoal.

Este período trouxe para os leitores algumas novidades que não existiam. Aparecem os concursos de contos, há o envio de correspondentes ao exterior para cobrir os acontecimentos.

Com o aparecimento da intentona comunista, o presidente Getúlio Vargas impõe o estado de sítio e a censura aos jornais. A imprensa entra num processo de crise sem poder comprar materiais para fazer circular os jornais e sem dinheiro para

pagar seus funcionários. O Estado Novo surge com os militares apoiando Vargas e criando uma constituição totalitária inspirada nos moldes europeus. Essa fase ditatorial trouxe para o Brasil não só a censura, mas a impossibilidade da abertura de novos jornais e o fechamento de outros, que não seguissem as orientações do governo federal. Foi o momento crítico entre 1937 e 1945, que resultou ainda na prisão de jornalistas que transgredissem as recomendações e confrontassem o poder executivo.

Para um melhor controle, criaram-se órgãos para fiscalizar a imprensa, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que tinha por finalidade controlar a imprensa, e, nos estados havia os Departamentos Estaduais de Imprensa (DEI), executando as mesmas tarefas do outro órgão. O modelo que servia de inspiração era o nazista (SODRÉ, 1999).

As vitórias alcançadas pelo bloco do Eixo, formado pela Alemanha, Itália e Japão, não só aumentaram a força do regime totalitário posto por Vargas, como também a sua simpatia, ainda que houvesse a neutralidade brasileira, só será encerrada com a sua entrada na II Guerra Mundial, em 1942, um ano após os Estados Unidos, ambos pertencendo ao bloco dos Aliados. Acredita-se que, a partir desta partição do Brasil na guerra, incentivada pelos norte-americanos, começou o declínio do governo Vargas. Para Sodré (1999), a imprensa aproveitou-se da situação para divulgar as derrotas e fracassos que o bloco do Eixo sofria, mostrando que os governos deste bloco, totalitários, estavam perdendo espaços para os Aliados, que possuíam formas de governos democráticas.

O povo ficou indignado com a participação do Brasil na guerra, através da Força Expedicionária Brasileira (FEB), em solo italiano, lutando por uma democracia que aqui não existia. Com o término da II Guerra Mundial, em 1945, começa surgir um processo de redemocratização. Vargas convoca eleições presidenciais diretas e uma Assembléia Constituinte. No mesmo ano, acontece o golpe militar, com a colocação do general Eurico Gaspar Dutra na presidência, que ficará até 1950, quando Vargas retorna ao poder.

Apesar desta abertura, surgem poucos jornais e, às vezes, o que ocorre é a compra de um jornal menor por outro maior ou mais estruturado, ou sua incorporação é realizada por indústrias de segmentos diversos.

Observando, em particular, a coluna social do Diário de Pernambuco, no mês de agosto, entre 1930 e 1950, percebemos que, na década de 30, as notícias não relatavam qualquer problema que o Brasil ou mundo poderia estar passando. A função da coluna será exclusivamente relatar o que está acontecendo na sociedade pernambucana.

As propagandas, de início, eram simples e voltadas para produtos nacionais, como tinta para cabelos, esmaltes e remédios para os dentes ou para coqueluche, tendo impulso maior em 1936.

A partir de 1933, novos informes são agregados à coluna social. Aparece o *Registro*, que traz contos ou crônicas, algumas sendo assinadas e uma comentarista de moda chamada Marie Marot, que escrevia sobre as últimas novidades da Europa, em especial da França. Algumas roupas descritas eram em veludo e, por vezes, com pele de raposa, não muito aconselhável para os moradores do litoral nordestino.

Neste mesmo ano surgem fotos de pessoas, mas são de personalidades do exterior. Em 1939, aparecem perto da coluna nomes de médicos de várias especialidades, proctologistas, oftalmologistas e pneumologistas, e, nesse ano, as notícias sociais caem vertiginosamente, resumindo-se a nascimentos e falecimentos. A vida social não está mais repleta de festas e bailes, então raros, para não mencionar escassos. Vale lembrar que é o ano do início da II Guerra Mundial, mas a coluna não menciona nada. Essa falta de movimentação social continuará nos anos seguintes, enquanto durar a guerra.

A partir de 1942, há uma tentativa de reativar as festas e também de influenciar a sociedade pernambucana para o conhecimento da cultura inglesa:

GUEST-NIGHT

Será no próximo dia 15 do corrente nos salões do *Country Club* a segunda *Guest Night*, organizada pelo comitê britânico de socorro das vítimas da

guerra, em benefício da Cruz Vermelha Britânica. Em vista do êxito e brilhantismo da primeira festa destas festas, em junho, promove-se agora a segunda das *Guest-Night*.

Seguir-se-ão outras, que serão previamente anunciadas. Comparecerão como convidado de honra o sr. E sra. Gilberto Freyre.

Tocará para as danças a *Jazz* da Força Policial do Estado. (trecho inelegível)

Será servido um *cock-tail* e funcionará um *buffet*.

A festa começará às 19 horas. Os preços dos ingressos serão de 15\$000 e para os casais 25\$000. (DP, 09/08/1942, p. 6)

Em 1943, ocorrem reuniões semanais sobre assuntos ligadas à cultura inglesa, em forma de palestras por pessoas nativas ou não. Os oficiais norte-americanos criam laços de amizade com os Pernambucanos. Eles se casam e oferecem recepções para todos e são, com frequência, chamados a participar de festas.

Realizou-se, ontem, as 19:30 o casamento religioso da senhorita Viviane Marie Jansen, filha do Sr. Gavin D. Black, secretário da Great Western e de sua esposa, sra. Jeanne Black, com o tenente James Elbert Scott, da *U. S. Army Air Corps*.

A cerimônia teve lugar na residência dos pais da noiva, á avenida Beira Mar, 5882.

O casal fixou residência á rua dos Navegantes, 1600 (Boa Vigem).

Na "*corbeille*" da noiva viam-se numerosos presentes. Após o casamento, o Sr. E sra. Gavin Black ofereceram uma recepção as pessoas de suas relações de amizade. (DP, 15/08/1943, p. 6)

Surge, no diário social, o *Astral do dia*, que tinha o objetivo de narrar como estava a posição dos astros naquele dia e suas conseqüências. As propagandas estão mais presentes, inclusive com produtos estrangeiros, uns fazendo menção à guerra, e na coluna social tudo permanece em festa.

ASTRAL DO DIA

Os planetas estão magicamente situados hoje para tudo! Para gêneros de primeira necessidade, assuntos domesticos, transportes, comercio, noticias, plantações, propriedades e bens legítimos. Marte garante sensacionais curas por ondas curtas e notável espírito de iniciativa em tudo, Neptuno favorece coisas marítimas e previsões certas.

OS NASCIDOS HOJE

Sómente sendo ativos, podem lograr êxito na vida. Seu destino se liga a mudanças. São inteligentes e filósofos. (DP, Astral do dia, 06/08/1946, p. 6)

Na página encontramos do diário social, encontramos, em 1944, o *Vida escolar*, que trazia uma lista de palavras inglesas com tradução e formas de como deveria ser pronunciada, que culminaria na abertura de um curso de inglês, a Sociedade Cultural Brasil – Estados Unidos, em 1946. As receitas de *Tia Doroty* é o mais novo atrativo, em 1945. As receitas são de um prato salgado e outra que é uma sobremesa. O curioso é que os nomes das iguarias são estrangeiros como

Almôndegas de frango, a Dolly March, e Tortinhas de nozes, a Constance Gray. Para preparar as receitas era necessário ter na época, às vezes, ingredientes como *bacon, petit-pois*.

GANSO Á FRANCESA

Passe na água quente um pedaço de toucinho (*bacon*), do qual deve ter tirado o couro, enxugue-o, corte-o em pedacinhos e ponha estes a fritar em manteiga quente. Assim que tomarem um cor alourada, acrescente-lhes 1 colher de farinha de trigo e deixe cozinhar uns 3 minutos, mexendo sempre. Junte em seguida a esta preparação 2 conchas de caldo e água, 1 cebola na qual deve espetar dois cravos da Índia, um feixinho de cheiros verdes, 1 colherinha de sal, pimenta e deixe tudo ferver. Ponha então o ganso (uma ave bem nova) neste molho e afaste a caçarola para o lado do fogo, afim de que possa cozinhar lentamente durante 1 hora e meia. No momento de servir, arrume o ganso no centro de uma travessa e rodeio-o de bastante *petit-pois*. (DP, Receitas da Tia Dorothy, 08/1946, p.6)

De 1948 até 1950, surge o *Retrato do dia*, que traz fotos de pessoas pertencentes à sociedade pernambucana. As notícias começam a ganhar títulos de acordo com a matéria veiculada, e são mais críticas e cheias de detalhes, tornando-se mais interessante para ler. Há um colunista que assina estas matérias com a letra *P*.

MARIA DO CARMO CORREIA LIMA é outra loura que a sra. Agenor Lopes recrutou para seu serviço voluntario n Campanha de Proteção á Criança, Cantina Casa Amarela. Possui, como Loretta Young, olhos verdes e profundos. Fala inglês “*fluently*” e é um dos ornamentos da nossa paisagem. (DP, Retrato do dia, 03/08/1948, p. 6)

De uma forma geral, o Diário de Pernambuco terá como características básicas, entre as décadas de 30 e 50, notas relacionadas a aniversários, que além de dar o nome do aniversariante, forneciam os nomes dos pais, caso fosse uma criança, e as funções que ambos poderiam exercer, e o nome da empresa. Caso fosse um adulto, tinha-se a função e o nome da empresa:

A petiza Newce, filha do sr. Adelgicio Fernandes Lima, funcionario da *Great Western*, em Pilar (Alagoas) e de sua esposa d. Altina Ponce Leon de Lima. (DP, Aniversarios, 07/08/1930, p. 4)

O sr. Virgilio Cavalcante, proprietário da Electro-Photo, desta cidade. (DP, Aniversarios, 01/08/1930, p. 4)

As notas de falecimentos informavam, além do nome, o apelido, caso possuísse, a hora e o local da morte da pessoa. Sendo uma mulher, o nome do marido aparecia seguido da profissão que exercia, mesmo já falecido. É curioso

notar que, na existência de filhos, só o nome do filho homem aparece, enquanto os das mulheres não são citados.

D. Josefina Needham Clackson – Faleceu, hontem, as 20 ½ horas, em sua residência em Apipucos a sra. Josefina Needham Clackson (Zeppa) viuva de *mr. J. A. Clackson* antigo corretor na praça do Rio de Janeiro. *Mrs. Clackson* deixa de seu consorcio um filho *mr. James Clackson*, residente na Inglaterra, uma filha casada com *mr. Cuthbert Pritchard* residente no Rio de Janeiro e uma filha solteira (DP, Falecimentos, 18/08/1931, p. 4).

A parte sobre os viajantes trazia o nome da pessoa, o dia do embarque, o destino, a profissão, o nome da empresa em que trabalhava e, em alguns casos, o motivo da viagem:

Wallace Ingham – Embarcou hontem para o Rio de Janeiro, a bordo do *Arlanza*, o sr. Wallace Ingham, agente neste Estado da “*Caloric Company*” da “*Nyrba Line*”. Vae ao Rio aguardar a chegada da Europa de sua exma. esposa e filhos (DP, Viajantes, 01/08/1930, p. 4).

As festas e bailes noticiados anunciavam, normalmente ,o objetivo da festa, o dia e local da realização, a que parte da sociedade se destinava e o grupo musical que iria tocar. Era comum mencionar uma *jazz band*, existiam várias mudando só o nome, e como as pessoas interessadas poderiam adquirir os ingressos.

Domingo, 6 de agosto, os socios do Clube Nautico Capibaribe, promovem um chá dansante no *dancing* daquela sociedade. As dansas começarão às 17 horas, tendo a comissão promotora da festa para maior brilhantismo, contratado a “*Jazz-Band Acadêmica*”. A comissão está trabalhando ativamente, para que o referido chá obtenha o máximo brilhantismo possivel. Pelo movimento que se verifica no set recifense prenuncia-se de grande animação a referida festa. A comissão organizadora acha-se diaramente na sede social, depois das 10 e meia horas, afim de atender aos socios interessados em convites. Haverá um numero limitado de ingressos para as pessoas estranhas ao quadro social do clube. Ingressos esses que poderão ser adquiridos por intermedio de um socio. Para as familias convidadas serão reservadas mesas (DP, Festa, 03/08/1933, p. 5).

Diversas, como o nome já diz, se referia a qualquer coisa que não se relacionasse aos outros temas existentes. Podia ser uma exposição ou comemoração:

Da directoria do *Club Portuguez* recebemos convites para a cerimonia de lançamento da pedra fundamental do edificio destinado á sua séde, que terá logar amanhã, ás 10 horas, na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, 192 (*Afflictos*). (DP, *Diversas*, 24/08/1935, p. 4)

Observando a coluna social, percebemos que, durante o mês de agosto de 1930 até 1950, muitos fatos marcantes se propagaram não só no Brasil, com o

governo Vargas e suas consequências, mas no mundo com a II Grande Guerra. Fica evidente a ausência de uma crítica ou de um comentário mais enérgico sobre o momento pelo qual todos passavam. A neutralidade política é sentida, a não ser quando há referência às artes ou personalidades comuns. Entretanto, fica evidente, nas entre-linhas, como a sociedade agia e se percebia como seres de uma sociedade em plena mudança.

2.2 A análise

Nas matérias selecionadas serão observadas como os estrangeirismos foram utilizados no período que começa em 1930 e vai até 1950, referentes somente ao mês de agosto. A escrita da época foi deixada no seu original para se ter uma noção de como era a ortografia do português bem como do léxico estrangeiro. A constatação do erro de grafia foi um processo não provocado pelo pesquisador, mas de um material recolhido tal e qual se apresentou no momento da coleta. Assim, a palavra aportuguesada coquetel é vista como *cock-tail*, *cok-tail*.

Inaugurações

Lojas Excelsior – Inaugura-se amanhã às 12 horas, as Lojas Excelsior, de propriedade dos srs. Rafael Alves & C.

O ato terá caráter solene, sendo oferecido à imprensa e famílias convidadas um *cok-tail*. (DP, Inaugurações, 31/08/34, p. 3)

Diversas

A *Jazz*-Amadores do Recife, inaugurando hontem o seu novo instrumental, ofereceu em sua sede á rua da Palma, 165, um *cocktail* a imprensa.

Às 20 horas houve uma audição do conjuncto e após uma ceia pela directoria. Nessa ocasião, falou a sra. Helena Gonçalves, eleita madrinha da *jazz*. (DP, Diversas, 17/08/1937, p. .6)

Como se trata de um estudo que engloba vários anos, dividimos as ocorrências por cada ano de surgimento da forma estrangeira, não listando a sua repetição, e separando em inglês, francês e outras línguas (latim, italiano e tupi), idiomas encontrados. Para se ter uma noção destes dados, faremos uso de gráfico, que proporcionará uma melhor noção do uso dos estrangeirismos.

3. ANÁLISE

Na coluna social do Diário de Pernambuco, chamada de Diário Social, no início da década de 30, o que mais chama a atenção é a grande ocorrência de nomes de empresas estrangeiras presentes em Pernambuco, e uma boa parte fazendo uso e abuso do *w*, *y* ou do *k*.

Wallace Ingham – Embarcou ontem para o Rio de Janeiro, a bordo do *Arlanza*, o sr. Wallace Ingham, agente neste Estado da “*Caloric Company*” e da “*Nyrba Line*”. (DP, Viajantes, 01/08/1930, p. 4)

D. Irene Coutinho Duarte, esposa do sr. Francisco Barretto R. Duarte, funcionario da “*Machine Cotton Ltd.*” (DP, Aniversarios, 12/08/1930, p. 4)

Dr. Louis Humbert – Tem amanhã a data do seu natalicio o engenheiro dr. Louis Humbert foi um dos iniciadores da construcção do nosso porto fazendo parte da *Societé de Construction du port de Pernambuco*. (DP, Aniversarios, 24/08/1930, p. 4)

A senhorita Maria das Neves Vasconcellos, auxiliar da *Casa Brack*, desta praça. (DP, Aniversarios, 05/08/1930, p. 4)

A petiza Newce, filha do sr Adelgicio Fernandes Lima, funcionario da *Great Western*, em Pilar (Alagoas) e de sua esposa d. Altma Ponce Leon de Luma. (DP, Aniversarios, 07/08/1930, p. 4)

Mr. Paul Davis – Em companhia do dr. Isaac Gondim tivemos ontem a honrosa visita do *mr. Paul H. Davis*, novo superintendente da *Pernambuco Tramways*. (DP, Visitas, 21/08/1931, p. 4)

Estas letras não faziam parte, naquela época, do nosso alfabeto. Eram utilizadas sem nenhum problema, respeitando-se os seus nomes originais, apesar de existir, em 1931, uma tentativa de unir a ortografia da língua portuguesa entre Brasil e Portugal, revogada pela constituição de 1934. Houve grupos de professores, juristas e de pessoas que faziam uso e trabalhavam com o português, que conseguiram aprovar o retorno da ortografia anterior ao Acordo de 1931, como destacado na fundamentação teórica deste trabalho.

Palavras como *petizada*, neologismo vindo do francês *petit* mais o sufixo *izada*, e *pathé-baby*, que eram utilizadas na década de 30, não seriam bem compreendidas por nossos usuários da língua portuguesa de hoje, ao ler uma

notícia ou escutar uma conversa com estes léxicos. A matéria que saiu no *Diário Social do Diário de Pernambuco*, é um exemplo típico dessa ocorrência:

As 18 horas terá logar a exhibição de esplendido programma de fitas cinematographicas de Carlito e Haroldo Lloyd, passadas para a *petizada* em aparelho *Pathé-Baby*. (Diário de Pernambuco, Festas, 31/08/1930, p. 4)

A palavra *petizada*, reunião de petizes, se tornou um arcaísmo e pode ser substituída por criançada ou gurizada, termos mais recentes; e *pathé-baby*, que era uma espécie de aparelho usado em filmes, algo muito moderno para a época. É interessante notar que algumas palavras na notícia sofreram modificação com o tempo, não no significado mas na grafia, como é o caso de *logar* (lugar), *exhibição* (exibição), *programma* (programa), *cinematographicas* (cinematográficas) e *aparelho* (aparelho). As palavras nascem, crescem, modificam-se e, às vezes, morrem, por estarem conectadas com os acontecimentos que vivenciam os seus usuários.

Segundo Cardoso e Cunha (1978), vários são os processos que contribuem para dar forma aos neologismos. Dentre eles a chamada conjugação produtiva que “acolha as novas formações, que fossem decorrentes de substantivos, fossem de adjetivos e participios, fossem, enfim de palavras formadas de empréstimo a outras línguas” (p. 116)

Junto à coluna social, a comentarista de moda Marie Marot relatava o que acontecia em termos de moda na França, sendo natural a introdução de palavras francesas para designar as novidades:

Borgonha com grande guarnição de raposa branca, e um modelo, em feitiço “*redingote*”, muito em moda agora,... (DP, Marie Marot, 08/08/33, p. 6)

Esse interessante tipo de “*Ensemble*” vem tendo grande popularidade. A “*robe-manteau*” vem tendo um grande exito na atual estação. (DP, Marie Marot, 13/08/33, p. 9)

A Ameriana

Inaugura-se hoje, á rua Sigismundo Gonçalves n.121, nesta cidade o novo estabelecimento comercial de chá, sorvetes, *chopes* e serviços de frios – “A Americana”, de propriedade da firma Sampaio & Cia. O ato inaugural terá lugar ás 15 horas revestindo-se de solenidade (DP, Diversas, 31/08/1932, p. 2)

Riding coat e *(ein) Schoppen(bier)*, significam sobrecasaca e a outra um quartilho de cerveja, suas formas ortográficas, via língua francesa, permanecem no português até hoje. Estas palavras são um típico caso de derivação indireta que acontece quando uma palavra estrangeira entra numa língua final através de outra:

riding coat (inglês) *redingote* (francês) redingote (português)
(ein) Schoppen(bier), (alemão) chope (francês) chope (português).

Os galicismos *Ensemble* e *robe-manteau* significam, respectivamente, conjunto e robe com capa. Interessante observar que o substantivo *robe* em francês é feminino, enquanto no português é masculino. A pessoa que escreveu teve preocupação em escolher o artigo seguindo o padrão gramatical francês. Esse fenômeno corrobora as palavras de Sodré (1989) de que ter o conhecimento do francês era visto com bons olhos, e de Sevcenko (1989, p. 36) que via a sociedade carioca da época como “altamente urbanizada e sedenta de produtos de pr stigio”.

As titula es do tipo *Mr.*, *Miss* ou *Lady* acompanhavam os nomes estrangeiros, dando idéia de ser alguém de um país anglo-saxão. Foi possível encontrar o uso de um título em inglês misturado com seu equivalente em português começando com *Mr. Paul Davis* e, depois, *sr. Paul Davis*. Por volta da década de 50, há uma diminui o destas titula es e o comum será o uso de sr., sra. ou senhorita:

D. Josefina Needham Clackson – Faleceu, hontem, as 20   horas, em sua residência em Apipucos a sra. Josefina Needham Clackson (Zeppa) viuva de *mr. J. A. Clackson* antigo corretor na praça do Rio de Janeiro. (DP, Falecimentos, 18/08/1931, p. 4)

Mr. Paul Davis – Em companhia do dr. Isaac Gondim tivemos hontem a honrosa visita do *mr. Paul H. Davis*, novo superintendente da Pernambuco *Tramways*.

Cavalheiro de maneira fidalga, o sr. Paul Davis entreteve alguns momentos de agradavel palestra com os nossos diretores e alguns redatores do Diário de Pernambuco. (DP, Visitas, 21/08/1931, p. 4)

Miss Nada Glover chegou ante-hontem ao Recife pelo avião da “Panair”. (DP, 15/08/1935 , p. 4)

Lady Louise Mountbatten   uma das figuras mais conhecidas da nobreza inglesa,... (DP, 15/08/33, p. 2)

Chegar o, hoje, ao Recife, o sr. George Peregrine Young, encarregado dos Negócios da Embaixada britânica no Rio.

Passará, amanhã, pelo aeroporto dos Guararapes, o embaixador de Sua Majestade Britânica, “sir” Neville Butler. (DP, Visitantes Ilustres, 18/08/49, p. 6)

Até 1943, são encontradas expressões muito comuns como *jazz-band*, usada para designar os grupos musicais que tocavam para animar as festas e bailes pelos clubes do Recife. Havia diversas bandas que, para ter destaque, lançavam mão desta denominação: a *jazz-band do professor Andrade*, *Central jazz-band*, *Jazz Band Academica*, *Jazz Amadores do Recife* e a *Jazz Guarany*, esta última misturando inglês com tupi.

Tocará para as dansas, a excelente *jazz band* do *Jockey-Club* do professor Andrade.

O traje será *smoking* ou branco à rigor. (DP, Festas, 10/08/1930, p. 4)

O “*Central Sport Club*”, associação desportiva de Caruaru, realiza amanhã às 21 horas, um sarau... Durante a festividade tocará a *Central jazz-band*. (DP, Festas, 15/08/1930, p. 4)

Solennizando o cincoentenário de sua fundação, o *Club* Internacional do Recife oferecerá a sociedade um grande baile para o qual estão sendo distribuídos convites.

Nas dansas tocará a *Jazz Band Academica* com seu repertório de marchas, sambas e *fox-trots*.

Quaisquer pedidos de informações poderão ser dirigidas á directoria do *club*, durante o dia e as noites. (DP, Festas, 06/08/1935, p. 4)

Realiza-se hoje no *Country Club* em seu palacete dos Afflictos uma *soirée* dansante que essa sociedade ingleza oferece aos seus associados. Para as dansas tocará a *Jazz Amadores do Recife*, que estreará hoje o seu instrumental. (DP, Festas e Bailes, 14/08/1937, p. 6)

Realiza-se amanhã no Centro de Diversões e Cultura, á rua da Paz, 91, em Afogados, um chá-dansante dedicado aos seus associados e familias Para essa festa que terá início ás 19 horas, tocará a *Jazz Guarany*. (DP, Diversas, 21/08/1937, p. 4)

Nos textos jornalísticos, alguns estrangeirismos foram, inicialmente, neologismos para, em seguida, serem aportuguesados. São as formas que Câmara Júnior (1998) classifica como as inovações lingüísticas que se firmam em uma língua dada. Essa modificação pode estar relacionada com o aspecto semântico, fonológico ou gráfico. Como não havia elementos na língua portuguesa para designar determinado elemento, o recurso de adotar um léxico estrangeiro se fez necessário, não por ser refinado, mas por necessidade:

Em sua séde, á rua Direita, 302, 1º andar, realiza, hoje, o *Club Vasculhadores* um recreio dansante, que terá início ás 19 horas, tocando um conjunto orchestral.

São convidados para uma reunião domingo, 4 do corrente, na rua S. Caetano, em Campo Grande, todos os socios effectivos, conselheiros e benemeritos do *Club* das Pás, para tratar de negocios urgentes. (DP, Reuniões, 04/08/1935, p. 4)

Prosseguindo no seu actual programa de festividades o *Clube* Internacional levará a efeito no próximo sábado, ás 20 horas, um sorvete dansante. A *Jazz Band* Acadêmica, tendo o concurso dasambista Maria Celeste, apresentará números variados de seu repertório. (DP, Festas e Bailes, 06/08/1941)

A firma Lima & Caldas, estabelecida nesta praça com a “Agencia Buicky”, a rua do Hospicio n51, realizará hoje, as 9 horas, em seus salões de exposição interessante mostra dos novos typos aperfeiçoados do carro “Chevrolet”, a marca *leader* da “General Motos”. (DP, Diversas, 23/08/1930, p. 4)

As escolas “Daniel Vieira”, “Arthur Siqueira” e “Dr. José Bezerra”, pretendem commemorar festivamente o dia 7 de setembro.

Ás 6 horas será hasteado o pavilhão nacional em frente aos edificios escolares, seguindo-se a cerimonia do juramento á bandeira, desfile dos alumnos em revista pelo director da fabrica.

Para a tarde do dia 7 está organizado o programma de gymnasticas e outras provas de cultura physica.

Seguir-se-á uma partida de *foot-ball* entre os *teams* do Calças Curtas *Football Club*, organização infantil filiada á Escola Dr. José Bezerra. (DP, Diversas, 25/08/1935, p. 4)

Dia Alegre de Verão – Um grupo de jovens da sociedade recifense, leva a efeito no proximo dia 7 de setembro, um animado “*pic-nic*”, que se realizará em Jaboatão. (DP, Festas, 29/08/33, p. 4)

Festejando o lançamento do primeiro numero da revista “Pécus”, os directores srs. Humberto Vernet e Pedro Mattos ofereceram hontem aos seus amigos e confrados em “*cocktail*” a rua Joaquim Tavora, 90, 2º andar. (DP, Diversas, 25/08/1935, p. 4)

Exposição

Presentemente nesta cidade, madame Sturne está realizando á rua Conde da Boa Vista, 652, uma expoição de alta costura, com apresentação de modelos esportivos, de passeio, *toilette*, *cock-tail* e de baile. A mostra será encerrada no fim do corrente mês. (DP, Exposição, 14/08/1949, p. 6)

O anglicismo *club* com o passar do tempo, recebeu a vogal *e* em posição final, originando clube, caso chamado de protélico ou paragógico. É a partir de 1941 que aparecem nos jornais a substituição definitiva de *club* para *clube*. No português, a palavra grêmio surge como sinônimo de clube, mas sem uma abrangência maior. As palavras *leader*, *foot-ball*, *teams*, *pic-nic*, *toilette* e *cocktail* modificaram-se através do processo fonológico e gráfico para adaptarem-se ao sistema ortográfico do português, para termos *líder*, *futebol*, *time*, *piquenique*, *toalete* e *coquetel*. Carvalho (1989) denomina este tipo de construção de neologismo sintático, o qual acontece

como resultado da combinação de palavras através do modo frástico, seguindo o modelo, neológico da língua que o toma emprestado

Quando a palavra ou expressão estrangeira não sofre nenhuma alteração na sua origem, na sua estrutura ortográfica, e é usada em outra língua sem perder seu valor semântico, surge o processo conhecido como xenismo (CARVALHO, 1984: 56). O xenismo vem suprir uma lacuna deixada pela língua receptora, por não possuir um equivalente à altura. Caso a sua utilização seja freqüente, poderá entrar no conjunto lexical da outra língua.

A Tuna Portuguesa vai proporcionar aos seus socios um atraente festival, ao qual intitularam seus promotores, de “Festa do Café”, como homenagem ao nosso “ouro negro”. Para a “Festa do Café” é exigido traje branco a rigor ou *smoking*. (Diário de Pernambuco, Festas, 14/08/1934, p.4).

Haverá sorvete dansante no Clube Internacional no proximo sabado, das 20 ás 24 horas. Tocarà a *Jazz Acadêmica*. (DP, Festas e Bailes, 10/08/1943, p. 2)

Os funcionários civis do Parque da Aeronáutica do Recife ofereceram, sabado ultimo, ao cel. Dirceu de Paiva Guimarães, ex-diretor daquele estabelecimento. Um almoço de despedida, por motivo de sua transferência para o Rio de Janeiro. A saudação ao homenageado foi feita pelos srs. Nelson Meira de Vasconcelos e Paulo Pope Cirão. O cel. Dirceu de Paiva Guimarães falou em agradecimento. Houve em seguida um *show*, a cargo de artistas locais. (DP, Diversas, 03/08/1948, p. 6)

Palavras como *smoking*, *jazz* e *show* não receberam nenhuma alteração nas suas formas. A primeira tem a idéia de uma roupa masculina, usada para eventos cerimoniais à noite. A segunda, trata de um estilo musical oriundo dos Estados Unidos. A última, tem idéia de espetáculo ou de exposição. O curioso é que, até hoje, estas palavras são usadas com a mesma idéia e compreendida por todos.

A palavra bonde, que em Portugal recebe o nome de elétrico, significa em inglês apólice ou título de dívida, e o nome tem duas origens. Uma delas aconteceu em São Paulo, com a implantação da linha de transporte elétrico pela empresa *São Paulo Tramway Light and Power Co. Ltda.*, que trabalhava com ações e seus investidores referiam-se aos elétricos do tipo *lá vai o meu bond*, ou seja, lá vai o meu dinheiro ou minhas apólices, no Rio de Janeiro, a empresa *Botanical Garden Railroad Company* que também trabalhava com os elétricos, a palavra bonde era

compreendida como os bilhetes das passagens, conhecidos como *bonds* nos Estados Unidos:

Os auxiliares da Casa Brasileira das Sêdas promovem para o proximo domingo um *pic-nic* no Horto de Dois Irmãos. A excursão tem se incorporado numerosos empregados do commercio. Em *bond* especial, que partirá ás 7 horas daquelle dia da Praça da Republica, seguirão os excursionistas. (DP, Diversas, 13/08/1936, p. 6)

Nos exemplos encontramos vários empréstimos que tomam funções gramaticais. A mais comum é o empréstimo substantival, que está nos dois primeiros exemplos, que acontece quando o empréstimo toma sentido de substantivo numa frase. Outra possibilidade é o estrangeirismo assumir uma forma de adjetivo, terceiro exemplo, ou se transformar em verbo, último exemplo, e quando acontece, toma parte do grupo da primeira conjugação:

O director do “Estoril Balneário” comunica-nos que esse centro de diversões reabriu o *dancing* na avenida do Pina. Ás 16 horas dos domingos e ás 21 horas dos sabbados realizar-se-ão *matinéés* e *soirées* dansantes offerecidas aos seus freqüentadores. (DP, Festas e Bailes, 05/08/1938, p. 6)

O Centro de Diversão e Cultura, de Afogados, vae realizar no proximo dia 22 um “Chá Dansante” dedicado aos seus associados e famílias. Tocarà uma “*jazz*” as 19 horas, para iniciar as dansas, sob a direcção do maestro João B. de Mello. (DP, Festas e Bailes, 15/08/1937, p. 6)

O Bloco Turunas de São José dará amanhã um recreio matinal, das 14 ás 16 hs e um vesperal *chic*, dedicado ao seu presidente de honra, sr. Odilon Mesquita, e seus auxiliares, que estarão presentes. (DP, Festas e Bailes, 22/ 08/1936, p.6)

Abrantes

[...] Realmente foi um prazer revê-lo nessas disposições fisicas de quem acaba de “*vacacionar*” pelas montanhas e dá um pulo pela á cidade para fazer compras (DP, Abrantes, 31/08/1950, p. 6).

A palavra estrangeira, mesmo que não possua flexão de gênero e número, tende a acompanhar as normas da língua receptora, normalmente adotando o modo masculino, como se pode observar na colocação do artigo definido “o” antes das palavras *club* e *dancing*. A palavra *jazz*, no entanto, terá uma variação, referindo-se ora ao termo banda de música, ora o ritmo musical.

O *Club* Dragões de Momo dedicará hoje aos seus associados e respectivas famílias um baile que reiniciará as suas festas mensaes. O augmento da iluminação externa abrange todo o parque e o *dancing*, sendo distribuidas em torno deste 70 lampadas de 200 volts. Tocarà a *Jazz* Anderson. (DP, Diversos, 17/08/1935, p.4)

Realiza-se hoje, no Centro de Diversão e Cultura, em Afogados, um sorvete dansante offrecido aos seus sócios e famílias.
As dansas terão inicio ás 18 horas, ao som de um *jazz*. (DP, Festas e Bailes, 01/08/1937, p.5)

Os estrangeirismos são usados para qualificar as pessoas pelo aspecto profissional ou por praticar algum esporte. No primeiro caso, a palavra *player* se refere à profissão de jogador, enquanto no outro, *turfman* alude a uma pessoa que aprecia corridas de cavalo. Em algumas notícias é notado o uso de um estrangeirismo e logo em seguida a sua tradução, como é notado com a palavra *crooner* que significa cantor.

Sport Club Flamengo

Será hoje a festa que um grupo de socios do querido gremio alvi-negro promova para homenagear o seu "*player*" Alonso Rodrigues, uma das figuras mais distinctas do nosso meio esportivo.
Essa festa que se intitula "O dia do Alonso", organizada com o fim de concorrer para melhor collocação daquelle "*player*" no concurso do "Jornal do Commercio", promete revestir-se de grande brlhantismo, como succede, aliás, com todas as reuniões do conceituado gremio.
Para o elegante sarau recebemos attencioso convite. (DP, Festas, 14/08/1930, p. 4)

Freerico Lundgren

Seguiu ontem para o Rio, a bordo do avião da "Panair", o sr. Frederico Lundgren adiantado industrial e distinto "*turfman*" conterraneo. (DP, Viajantes, 02/08/1933, p.2)

Club Internacional

Funcionará, hoje a "*boite*", tocando para as dansas a Orquestra de Angelo Barreto atuando como "*crooners*" Uiara de Gaioz e Otavio Santiago. Os cantores José Tobias e a cantora Creusa de Barros aparecerão num *show*. (DP. Club Internacional, 19/08/1950, p. 6)

Sem preconceito, fica evidente que, ao escrever uma matéria, o jornalista não tem noção da quantidade de léxicos diferentes que usa para escrever um determinado assunto. É capaz de misturar e abusar de palavras de origens diferentes para atingir o leitor que se depara com palavras inglesas (*hall, jazz band, smoking*), francesa (*terrase*), espanhola (*rumba*) e africana (*maracatu*), todas em harmonia.

Festa do Calouro

Os alunos da Faculdade de Direito continuam empregando todo empenho afim de que a "Festa do Calouro", a realizar-se sábado próximo, 11 de agosto, alcance o mais intenso sucesso.
O serviço de bufê irrepreensível a cargo de competentes profissionais, atenderá com prestesa absoluta as famílias convidadas.

No “*hall*” da escola, tocará uma banda musica.
 Na “*terrace*” circular das orquestras animarão os pares. São elas a “*The Black Stars*” e a “*Jazz Band Academia*” que emprestará brilhantismo a reunião executando as mais recentes novidades musicais como sejam “Carioca”, *rumba* do filme “Voando para o Rio”, e um maracatu estilizado.
 Os convites serão pessoais e intransferíveis.
 Traje: “*smoking*”. (DP, Festas, 07/08/1934, p. 8)

Os dados apresentados confirmam que o inglês e o francês foram as duas principais línguas que deixaram suas marcas no mês de agosto, no período que vai de 1930 até 1950. O inglês se destaca em todos os anos menos em 1947, quando o francês o supera. Os vocábulos franceses usados estão relacionados, em sua maioria, à moda (*robe-manteau, redingote*), à casa (*terrace, toilette*), a atividades femininas (*tricot, crochet*), bebidas (*champagne, chope*) a períodos do dia (*matinée, soirée*) e a objetos (*corbeille, portraits*).

Despertam o interesse dos socios as diversas novidades que foram apresentadas, durante os trabalhos da ultima causiére du mardi, realizada pela A. C. F. B.
 As variedades que o programa anunciava constaram de jogos, canções, apreciações literárias, etc.
 Um problema de “*mots-croisés*” apresentado sob a direção do Sr. Bourgeois, foi rapidamente resolvido e o jogo dos portraits, onde se distinguiram madame Bourgeois e a sra. Maria de Lourdes Lyra.
 O prof. Lucien Pouessel falou sobre o livro *Fables de mon Jardin*, destacando as paginas mais representativas do talento de George Duhamel, tão ligado à sua terra natal, tão fiel às tradições da vida familiar.
 A reunião foi encerrada com uma antiga canção do reinado de Louis XIV: *Auprés de ma blonde*.
 Na proxima terça-feira, será exibido o filme musicado *Symphonie Fantastique*. (DP, Diversas, 14/08/1947, p. 6)

Acreditava-se que os galicismos estariam mais evidentes do que os anglicismos, por toda uma valorização cultural da época, que se espalhava na cultura francesa, mas o que se nota é que a presença do francês irá perdurar até 1950. De acordo com Ilari (2006), embora o acréscimo no léxico da língua portuguesa tenha contribuições das línguas francesa, italiana e árabe, o inglês é o detentor de maior contribuição lexical.

A realidade é que as palavras provenientes do inglês dão um salto a partir de 1947, ano do término da II Guerra Mundial, e crescem de maneira visível no ano de 1950. Apesar dos Estados Unidos e da França fazerem parte do bloco dos aliados durante a guerra e serem vencedores, é a língua norte-americana que destaca trazendo junto consigo a cultura daquele país. Os anglicismos estão

presentes nas formas de tratamento (*mr., miss, lady*), na música (*jazz, fox-trot*), roupas (*smoking, tie*), bebidas (*cocktail, brandy, beer, whisky*), esportes (*football, golf, snooker, footing*), meios de transporte (*clipper, ship*), profissões (*player, crooner, golfer*), partes da casa (*hall, room, garden*), nomes de empresas (*Pernambuco Tramways, Great Western*), eventos sociais (*club, party, show*), alimentação (*pancake, honey, grill fillet*), adjetivos (*smart, big*) e muitos outros casos que fazem jus à ampliação lingüística na nossa língua, como demonstram o exemplo, a presença de anglicismos e da cultura norte-americana na sociedade pernambucana, e o gráfico 1, que apresenta a quantidade de novos estrangeirismos que foram surgindo durante os anos de 1930 até 1950:

A "American Library"

O presidente da "American Library", o "golfer" Arthur Denchfield, tem insistido comigo para dar um pulo até a nova sede da organização, irmã mais velha da que existia na Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos, mas, segundo ele, mais compacta, mais completa, mais "oficial".

Conheço a Biblioteca do tempo em que ocupava um apartamento no ultimo andar da Singer. Suas aquisições de livros se ressentiam de certa ordem de distribuição e catalogação e o espaço, ademais, era exíguo. Essa dispersão terminou. Os srs. Hrley e Schweitzer aumentaram as instalações e, por intermédio de empresas culturais e associativas, conseguiram que remessas periódicas de livros e magazines conservassem a Biblioteca em dia com o livro norte-americano recém-aparecido.

Denchfield tem mantido esse critério na direção da Biblioteca. É sua preocupação constante aparelhá-la de forma a se ter á mão o livro que no momento, o norte-americano lê.

Introduziu também o habito do chá com torradas em certos dias da semana.

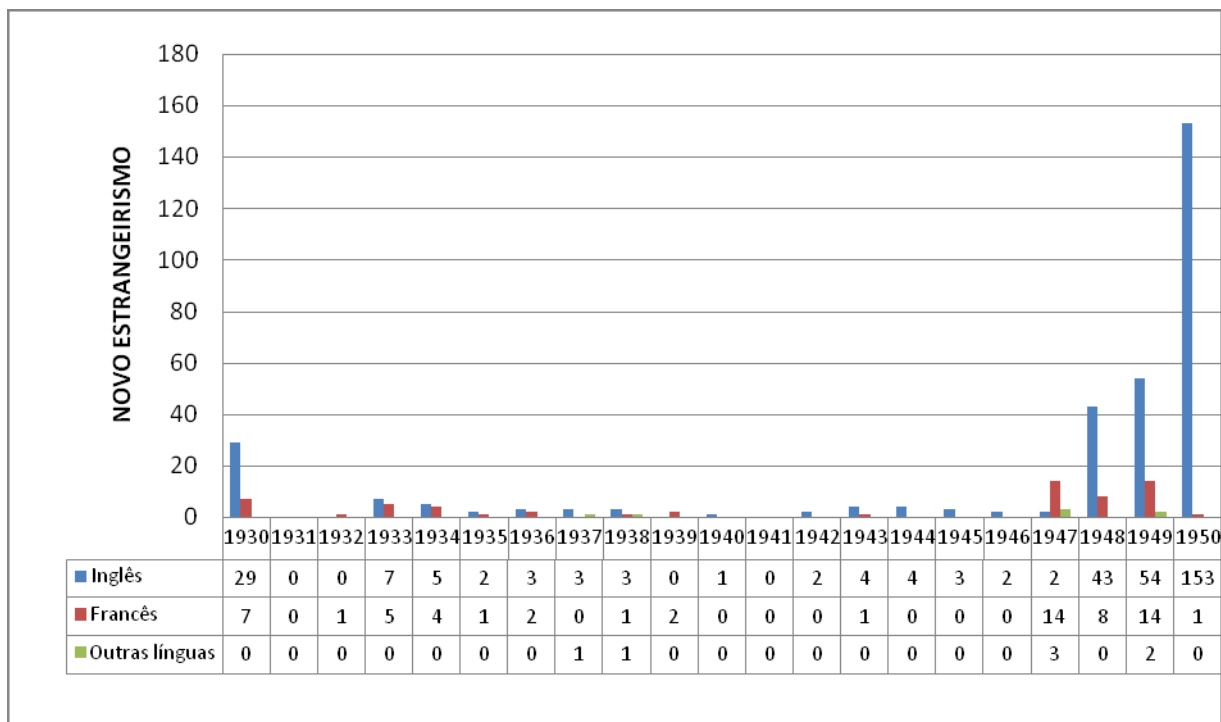
O "best-seller" quando chega ás nossas livrarias já deixou de sê-lo; as primeiras edições são de exclusivo consumo dos povos da fala inglesa. A A.L. recebe o "best-seller" no afan da vendagem.

O conhecedor de inglês que queira ter em dia conhecimentos gerais, do literário ao científico, não tem outra cousa a fazer que entrar na Biblioteca e prestigiá-la com sua contribuição. (DP. A "American Library", 23/08/1949, p. 6)

Town Club

A diretoria do "Town" organizou uma festa para o proximo dia 14, á noite, por motivo da inauguração das novas instalações. Além da modificação do salão de refeições será inaugurada uma segunda mesa de "snooker", em cooperação com elementos do *Country Club*, os quais disputaram um torneio com os vencedores da "Taça Harry Black" em revanche. Cobrinha dirigirá um "big lunch" para socios e convidados. (DP, Town Club, 08/08/1950, p. 6)

Gráfico-1 Surgimento de estrangeirismos



Este gráfico mostra a incidência de palavras estrangeiras que foram aparecendo nos anos antecederam e sucederam a II Guerra Mundial. Caso o surgimento de uma palavra, expressão ou frase acontecesse em um determinado ano, o seu registro não seria repetido. A linha vertical marca a quantidade de estrangeirismos novos que foram aparecendo e a linha horizontal, os anos. Ao observarmos o uso do estrangeirismo, não somente o aparecimento das palavras, mas a quantidades de vezes que é utilizada nas notícias sociais, vemos que em 1939, foi registrado somente uma notícia com o uso de estrangeirismo, onde foram usados dois galicismos:

Por motivo de sua nomeação, para o cargo de professor da cadeira de Direito Administrativo na Faculdade de Direito, o sr. Luiz Delgado foi hontem homenageado com um jantar, que se realizou no *Restaurant Leite*. No impedimento do sr. Vieira Coelho que deixou de comparecer por doença, falou ao *champagne* o prof. Ruy Bello. (DP, Diversas, 23/08/1939, p. 6)

Apresentaremos na figura abaixo alguns estrangeirismos que apareceram no decorrer dos anos. É importante notar que o seu aparecimento em um

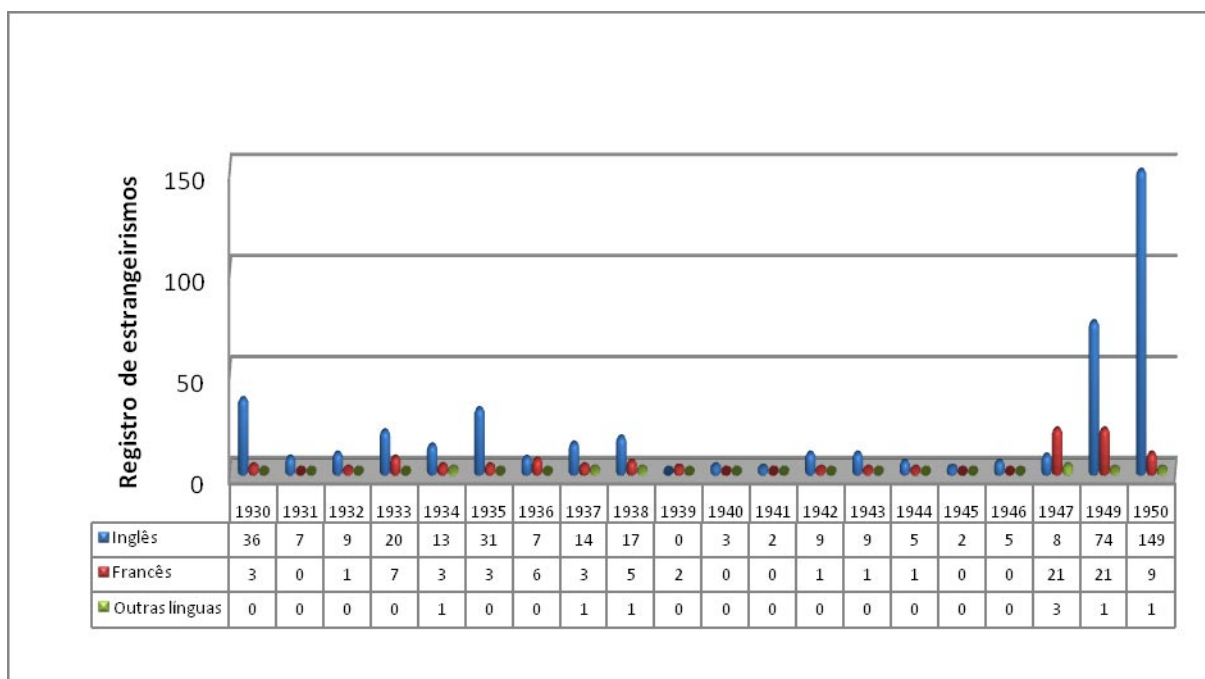
determinado ano não foi registrado em anos seguintes, somente os novos estrangeirismos.

Figura-6 Ano do surgimento dos estrangeirismos

Anos	Alguns novos estrangeirismos
1930	Company, line, tramways, miss, Mr., M., jazz, band, jockey, club, smoking, machine, cotton, telegraph, sport, club, player, fox-trot, one-step, bank, leader, telephone, buffet, société,
1931	<i>Nenhum estrangeirismo novo</i>
1932	Chope
1933	Birth-control, turfman, set, maples, lady, picnic, dancing, redingote, robe-manteau, soirée, rue
1934	Terrace, hall, black, stars, hello
1935	Matinee, foot-ball, team,
1936	Maison, chic, bond, footing, river
1937	Clipper, baby, country, guarany
1938	Casino, grill, room, soupê, broadcasting,
1939	Champagne, restaurant
1940	Crooner
1941	<i>Nenhum estrangeirismo novo</i>
1942	Guest, night
1943	Corbeille, army, air
1944	Service, men, fort, street
1945	Port
1946	Powder, factory
1947	Causerie, litterire, geographie, garden, party, portraits, variété, pays, auditorium, madame, mots-croises, fables, blonde, bacurau, tupiniquim
1948	Show, birthday, née, floor, bug, side, fauves, top, notch, world, crochet, tricot, ship, expert, upper-crust, glamour, outdoor, staff, hair-do, former, thanks, welcome, teen agers, studio
1949	Good-bye, beers, beauty, hot, frigidaire, vacances, flamboyant, menu, chanson, cliché, boite, golf, pipe, records, writer, best-seller, spirits, feature, summer, position, close up
1950	Sweet, bits, background, anniversary, whodunit, super-smooth, breaklaws, masterpiece, surprise, far west, cowboy, copyright, lunch, snooker, verve

O segundo gráfico mostra o registro dos estrangeirismos ano após ano. Os registros foram feitos por palavras, expressões e/ou frases completas. Na linha vertical temos o número das ocorrências dos estrangeirismos e na horizontal os anos. A incidência dos anglicismos é bem maior do que o das outras línguas. Alguns foram até incorporados ao português, como a palavra *club*, que permaneceu com esta grafia até 1940, mudando para clube a partir de 1941. Palavras como *cocktail*, *show* e *smoking* atravessaram os anos com a mesma grafia.

Gráfico-2 Ocorrência de estrangeirismos por ano



Em 1948, algumas notícias começam a aparecer com frases escritas em inglês sem nenhuma tradução. Assim, o uso dos anglicismos será, obviamente, maior. Isto se repetirá nos anos seguintes. Para as pessoas terem acesso à notícia, será necessária, no mínimo, um certo conhecimento da língua inglesa.

Uma opinião norte-americana sobre Picasso

Uma apreciação norte-americana sobre Picasso, no “New York Times”, parece coincidir com o que sobre Cícero Dias têm alguns dos nossos visitantes de exposições de pintura. A “*boudate*” de Picasso (*What saves me is that every day I do worse*) leva o apreciador a concluir com satisfação: “*So there you have what the “master” thinks of his own ultra-modern work*”. Aqui, na província, há os que igualmente não acreditam em Cícero, nem nos que acreditam em Cícero. Para eles, Cícero nos embroma com sua deliberada preocupação de super-originalidade; que não passam de sonsos aqueles que o levam a sério – pobres diabos, quanto ao mestre: “*Picasso may have been playing a joke*”, Contudo, não há como esconder o seu valor: “*One of the greatest craftsmen of the present age*”. (DP, 18/08/1948, p. 6)

Agatha Christie

Toda a imprensa inglesa e norte-americana enfeitou-se como uma árvore de Natal para comemorar o aparecimento do “*fiftieth whodunit*” de Agatha Christie: “*A murder is announced*”, que o crítico C. V. Terry considera sumariamente em duas palavras como “*super-smooth*”.

O público está tão habituado às duas novelas de Agatha Christie cada ano que uma a mais ou a menos não vai além do que geralmente se espera de todo o livro, com a diferença de que no caso de Agatha Christie os livros se vendem e nos outros talvez não se vendam.

O importante é que chega ao 50º volume como a “*best-selling English writer*” deste tempo. Calcula-se que já vendeu 75 milhões de livros, dos quais 35 milhões somente nos Estados Unidos.

Em 1918, Agatha Christie começou a escrever histórias de detetives, pensando que “*it would be fun*”. Introduziu o belga Hercules Poirot nos crimes e decidiu que tinha bastante massa cinzenta e para se sair bem de qualquer embrulhada. Poirot fareja pistas de criminosos em todos esses cinquenta volumes.

Seu público é enorme e heterogêneo. Nenhum carregado imposto de renda fará moça na conta corrente que lhe deixam os direitos autorais.

Não conheço muita coisa de Agatha Christie, mas o que li “*Crooked House*”, “*Three Blind Mice*” estava rigorosamente dentro da linha do moderno “*whodunit*”.

A novela policial desde Conan Doyle sofreu mudanças substanciais de “processo”, correlatas às armas que passaram a dispor os mantenedores da ordem e os “*breaklaw*”. Contudo está de pé a “*whodunit*” interrogação. Todo bom “*murder storyteller*” gosta de graduar a capacidade de emoção do leitor, embaralhando-o nas possibilidades de culpa apresenta

Essa preocupação eterna do “*whodunit*” frustra no leitor a simpatia pelas virtudes e aos mais aptos para o heroísmo. Quase sempre por trás das azas do herói está o rabicho.

Agatha Christie chega ao jubileu literário conformada com o formalismo da “*murder story*”. E pelos ditirambos que lhe entoaram e pelos cheques que lhe são pagos a cada tradução e a cada versão cênica deve se sentir satisfeita no seu recanto em Devonshire. Notoriedade de caixa alta e crédito ilimitado nos Bancos. (DP, Agatha Christie, 06/08/1950, p. 6)

Nota-se que quando a língua portuguesa possui um vocábulo para determinar um objeto, o estrangeirismo surge entre parênteses como um elemento para se referir a uma outra cultura, dando um tom de mais requinte.

Party

O cônsul da Inglaterra e senhora Gordon Creighton oferecerão, domingo próximo, um “cachimbo” (*pipe party*) aos amigos, em sua residência, nos Aflitos, a começar das 17 horas. Comparecerá como convidado de honra o embaixador Mauricio Nabuco (DP, Party, 30/08/1949, p. 6)

O estrangeirismo apareceu na maioria dos exemplos citados, de acordo com a sua utilização, com algumas formas permanecendo e outras não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo descreveu o uso do estrangeirismo na coluna social, do Diário de Pernambuco, no período de agosto de 1930 até 1950. Os resultados apontaram que o uso de palavras e/ou expressões estrangeiras esteve presente em todos os anos nas notícias sociais, sendo usados por uma questão de necessidade ou de requinte nas matérias pesquisadas. A convivência do estrangeirismo com a língua portuguesa não causou nenhum dano à língua, pelo contrário, dependendo do léxico estrangeiro usado, aumentou o número de vocábulos do português por neologismo ou por empréstimo.

- O Bloco Turunas de São José dará amanhã um recreio matinal, das 14 às 16 horas e um *vesperal-chic*, dedicado ao seu presidente de honra, sr. Odilon Mesquita, e seus auxiliares, que estarão presentes. (DP, Festas e Bailes, 22/08/1936, p. 6)

Realiza-se hoje, no Centro de Diversão e Cultura, em Afogados, um sorvete *dansante* oferecido aos seus socios e familias.
As dansas terão inicio às 18 horas, ao som de um *jazz*. (DP, Festas e Bailes, 01/08/1937, p. 5)

O galicismo *chic* sofreu uma adaptação para entrar no português, tornando-se chique, sendo usado até hoje, como ocorre também com o anglicismo *jazz* que não passou por adaptação mas é entendido como ritmo musical. Qualquer leitor pode ler as notícias sem nenhum prejuízo.

Cabe sempre ao jornalista determinar o que vai ser escrito nas colunas sociais, tendo sempre o poder da escrita em suas mãos, embora os manuais de redação para jornais ditem que o uso do estrangeirismo em excesso é perigoso para a compreensão do leitor.

Quando um aluno entra na escola e começa a estudar a língua que ele usa, percebe que aquela forma não é a mesma usada em seu tempo social, identificando regras que nunca imaginou existir sentindo-se em uma camisa de força e vendo-se criticado sobre tudo que lê ou escuta diariamente. É a língua portuguesa formal que afirma o que pode e o que não pode, a mesma que condena os estrangeirismos a um barbarismo.

A língua precisa estar em sintonia com os acontecimentos que ocorrem no mundo, o que não poderia ser diferente com relação ao português. A forma que as coisas surgem são tão rápidas que uma língua, às vezes, não possui tempo de criar ou de buscar dentro de si uma palavra que se assemelhe à nova descoberta. A informática está aí para comprovar esta avalanche de nomes esquisitos onde pessoas que conhecem ou não o inglês tentam pronunciar, certo ou errado, o inglês, mas conseguem identificar o objeto. São coisas da modernidade.

Línguas como a espanhola e a francesa tentam, através de suas academias, proibir as palavras estranhas às suas, conseguindo-o, na maioria dos casos, com sucesso. É a procura por uma língua pura, por uma língua sem influências externas. A história no entanto, não mostra isso. Saussure já afirmava ser necessária a existência de uma língua de equilíbrio entre as oposições contrárias, antagônicas. O intercuro está relacionado com a capacidade de aceitar ou não o novo, podendo ser um neologismo, estrangeirismo ou uma gíria, e, desta maneira, perceber que a língua está em um processo de evolução permanente. O espírito de campanário diz respeito à rejeição do novo e de tentar manter o que é consagrado.

Enquanto as academias não aceitarem a dialética lingüística, está luta contra os estrangeirismos permanecerá. A língua portuguesa, do povo brasileiro, vai em sentido contrário. Sempre fomos considerados um povo amigo e receptivo, característica que se reflete na nossa língua. Recebemos, constantemente, uma invasão de palavras diferentes da nossa, que vêm ocorrendo desde o tempo dos colonizadores portugueses que mesclaram a sua língua com a indígena, pegando por empréstimo nomes de animais e plantas, e depois adaptaram-nas ao sistema ortográfico e fonológico do português. Com a escravidão, os negros chegaram para os trabalhos árduos, trazendo consigo a beleza da sua culinária, que nos encanta até hoje. O Brasil deu espaço para os imigrantes europeus que, além de desbravarem o novo mundo, nos presentearam com alguns léxicos, principalmente os franceses. O inglês coloca sua marca no que se refere aos avanços tecnológicos e de cultura de massa.

Os textos estudados da coluna social do Diário de Pernambuco mostram como a língua acompanhou os fatos mundiais. O início da II Guerra Mundial, em

1939, apresentou uma queda nos eventos sociais, bailes e festas, e a permanência basicamente dos nascimentos, falecimentos e aniversários. A guerra é percebida, mas não é noticiada na coluna. Em 1947, com o fim da guerra, entram não somente palavras ou expressões, e sim frases completas em inglês. O francês começa a perder terreno para a língua dos norte-americanos, que vêm com toda uma estrutura para consolidar o seu idioma como língua de comunicação entre os povos.

Os anglicismos desfilam nas notícias do jornal. Aceitamos-os sem barreiras, por ser algo novo e precisarmos deles para ser elegantes, ou por não existir uma palavra para definir o novo. Os homens continuam usando *smoking* que perpassa os anos sem sair de moda e da moda.

Os puristas da nossa língua tentam, em vão, dizer não ao estrangeirismo. Aparecem leis para proibi-lo, entretanto uma língua não deixa de viver por causa disto. A língua é vida. O uso do estrangeirismo é feito a pedido do povo que o conclamou para assumir um posto vazio. Caso o léxico estrangeiro seja bom de fato o povo o usa. Alguns permanecem e, dependendo da sua atuação, podem se incorporar ao léxico do português, recebendo um visto de permanência, ou sofrer algumas cirurgias para se transformarem em neologismos aportuguesados. Os que não nos agradam são deportados sem direito a recurso.

Uma coisa é comum entre gramáticos, escritores e lingüistas: a afirmação de que é um absurdo fazer uso de um estrangeirismo quando há um equivalente na língua nacional. Não se pode trocar um produto nosso por um importado. Necessitamos valorizar o que é nosso e aceitar o que for externo em última instância, pois a nossa língua é a nossa pátria.

Embora consciente de que este trabalho não esgota o tema, fica o desejo e a contribuição para o seu aprofundamento em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. 26ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo. Criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.

ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. 2ª ed. reform. São Paulo: Moderna, 2004.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Globo, 1981.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. 16ª reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística: (teoria lexical e lingüística computacional)**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CADORE, Luís Agostinho. **Curso prático de português: literatura, gramática e redação**. 6ª ed. São Paulo, Ática, 1998.

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 19ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.

CAMPOS, Flavio de; MIRANDA, Renan Garcia. *A escrita da história*. São Paulo, Escala Educacional, 2005.

CARDOSO, Wilton & CUNHA, Celso. *Português através de textos: estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *A palavra é*. Recife, PE: Editora Líber, 1999.

CASTRO, Marcos de. *A imprensa e o caos na ortografia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 18ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

CEREJA, William Roberto. *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*. William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. 2 ed. São Paulo: Atual, 2005.

CIPRO NETO, Pasquale. *Gramática da língua portuguesa*. Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante. São Paulo: Scipione, 1998.

CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
CULLER, Jonathan. *As idéias de Saussure*. São Paulo:

CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, Antônio Gonçalves. *Antologia poética*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

FARACO, Carlos Alberto. *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

- Brasil. **Português: língua e cultura, ensino médio**. Curitiba: Base Editora, 2003.
- FARACO e MOURA, **Gramática**. São Paulo: Ática, 1998.
- FIORIN, José Luiz & SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1996.
- FISCHER, Luís Augusto. **Dicionário de palavras e expressões estrangeiras**. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- FOLHA DE S. PAULO. **Manual de redação**. 7ª ed. São Paulo: Publifolha, 2001.
- GARCIA, Luiz. (org.). **O GLOBO: manual de redação e estilo**. 27ª ed. São Paulo: Globo, 2000.
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HOUAISS, Antônio. **A nova ortografia da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. **O português no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática: aplicada aos textos**. 6ª ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- KEHDI, Valter. **Morfemas do português**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- LACOSTE, Yves & RAJAGOPALAN, Kanavillil. **A geopolítica do inglês** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

LOBATO, Monteiro. **Emília no país da gramática**. 5ª ed. V. 15. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Colonial**. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade**. São Paulo: Ática, 1993.

MAIA, João Domingues. **Gramática teoria e exercícios**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

MARQUES, Luís Henrique. **Teoria e prática de redação para jornalismo impresso**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da língua portuguesa**. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

MORAIS-BARBOSA, Jorge. **A língua portuguesa no mundo**. 2ª ed. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar: 1969.

MOURA, Gerson. **Estados Unidos e América Latina**. São Paulo: Contexto, 1990.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Garimpo das origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NICOLA, José de. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. José de Nicola e Ulisses Infante. 14ª ed. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PESSOA, Fernando. **A língua portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PILLA, Éda Heloisa. **Os neologismos do português e a face social da língua.** Porto Alegre, RS: AGE, 2002.

PRETI, Dino, org. **Léxico na língua oral e na escrita.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: 2003.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Círculo do Livro, 1995.

RIBEIRO, João. **A língua nacional e outros estudos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

RODRIGUES, Sérgio. **What língua is esta?: estrangeirismos, neologismos, lulismos e outros modismos.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática: teoria e prática – NGTP.** 18ª ed. São Paulo: Atual, 1994.

SANDMANN, Antônio. **Morfologia lexical.** São Paulo: Contexto, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** 20ª ed. São Paulo, Cultrix, 1995.

SAVIOLI, Francisco Platão. **Gramática em 44 lições com mais de 1700 exercícios.** 11ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

_____. **Síntese de História da Cultura Brasileira.** 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1989.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. **Curso prático de gramática**. São Paulo: Scipione, 1996.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 1997.